

ORG. CRISTINA PERES  
BARBOZA DIAS

# Novas Ontologias:

**PRÁTICAS EDUCACIONAIS  
NA ESCOLA PÚBLICA EM  
URUGUAIANA**





# **NOVAS ONTOLOGIAS:**

## **PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA ESCOLA PÚBLICA EM URUGUAIANA**

Organizadora:  
CRISTINA PERES BARBOZA DIAS



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito dos editores.

### CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr<sup>a</sup> Letícia Fernanda de Souza Rodrigues (Editora Chefe)

Profa. Dr<sup>a</sup> Dayanne Silva Santos

Profa. Me. Mariza Cristina Camargo da Rosa

Profa. Me. Cristina Peres Barboza Dias

Profa. Me. Paulina Gonçalves

Profa. Me. Rosilene Sirlei Sabin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas ontologias [livro eletrônico] : práticas educacionais na escola pública em Uruguaiana / organizadora Cristina Peres Barbosa Dias. -- Uruguaiana, RS : Editora Maya Livros, 2024.  
PDF

Várias autoras.

ISBN 978-65-985098-0-4

1. Alfabetização 2. Educação 3. Prática de ensino  
4. Professores - Relatos 5. Sala de aula I. Dias, Cristina Peres Barbosa.

24-232907

CDD-371

Índices para catálogo sistemático:

1. Professoras : Cotidiano escolar : Histórias de vida : Educação 371

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



## ***SUMÁRIO***

|                                                                                                                                                                       |              |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>                                                                                                                                                   | <b>p.2</b>   |
| <b>O PAPEL DO REFORÇO ESCOLARNO<br/>PÓS PANDEMIA: RELATO DE<br/>PRÁTICA DE REFORÇO<br/>ESCOLAR</b><br>JULIANI KLEINUBING*                                             | <b>p.5</b>   |
| <b>ENSINAR E ACOLHER: UM OLHAR<br/>SENSÍVEL ATRAVÉS DAS<br/>APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS</b><br>RUBYA TONEL*                                                          | <b>p.18</b>  |
| <b>O DESAFIO DA GESTÃO<br/>ESCOLAR NOS TEMPOS DE<br/>PANDEMIA</b><br>JAQUELINE PEREIRA<br>ANCINA*                                                                     | <b>p.27</b>  |
| <b>PRÁTICAS PEDAGÓGICAS<br/>DESAFIADORAS: RELATO DE<br/>EXPERIÊNCIA DE TRANSIÇÃO DA<br/>EDUCAÇÃO INFANTIL AOS ANOS<br/>INICIAIS</b><br>ALVAREZ, EVELIN THAIS<br>COSTA | <b>p. 33</b> |
| <b>O PAPEL DA ORIENTAÇÃO<br/>EDUCACIONAL NO UNIVERSO<br/>ESCOLAR : UM OLHAR SOB A<br/>PERSPECTIVA FREIREANA</b><br>CRISTINA PERES BARBOZA                             | <b>p.43</b>  |



**PERMANÊNCIA NO CONTEXTO  
INCLUSIVO DE ALUNOS COM  
DEFICIÊNCIA APRENDIZAGEM**

**p.62**

CLAUSSEN, LIL LI AN DA ROSA  
VARGAS

**EDUCAÇÃO EMOCIONAL E  
PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS**

**p.73**

ELIZIANE OLIVEIRA

**EXPERIÊNCIA DOCENTE DA  
PRÁTICA ESCOLAR  
DESENVOLVIDA DURANTE O  
PERÍODO DA PANDEMIA DO  
COVID-19**

**p.98**

CASTRO, ISOLETE TEIXEIRA

**AULA DE ASTRONOMIA EM UM  
QUINTO ANO DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA, UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA**

**p.106**

MARIZA CRISTINA CAMARGO DAROSA

**Vivências em biblioteca: biblioteca como  
ferramenta, suporte pedagógico e  
interações sociais**

**P.125**

EDENICE VIEIRA AYALA

**AUTORAS & EDUCADORAS**

**p.132**



# APRESENTAÇÃO

"Este livro é uma linda coletânea de histórias e conquistas das professoras da E.M.E.F Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Cada uma delas compartilha algo muito especial: o sonho de transformar a educação e a vida dos nossos alunos. Esses alunos, que são o coração de tudo, inspiram o trabalho diário das educadoras, sempre voltado para o que faz sentido e é importante para eles. Juntos, estamos construindo um futuro cheio de aprendizados e realizações!"

*Boa leitura!*

***Nasser Nuridin Taha***



# **PREFÁCIO**

Escrever o prefácio de um livro que sistematiza práticas pedagógicas, sendo professora é uma satisfação imensa, pois se sabe que o chão da escola e o tempo na escola nos consome em planejamento, práticas e registros burocráticos e assim, o tempo para registrarmos o nosso fazer pedagógico é exíguo.

Desta forma, registrar nossas práticas pedagógicas, sendo docente na maioria das vezes por quarenta horas e por vez, sessenta horas é emancipatório e valoroso. Uma vez que, tal processo envolve planejamento, organização, documentar métodos, estratégias para atividades em sala de aula, ou na escola na totalidade. Tal processo nos norteia a uma reflexão sistemática e contínua sobre eficácia das abordagens utilizadas.



Ao anotar nossas práticas, ampliamos nosso repertório pedagógico e permite-se que outros educadores também possam replicar tais experimentações pedagógicas.

Além disso, essa documentação nos proporciona uma introspecção valiosa, revelando nossa capacidade de concretizar em escrito o que realizamos em nosso cotidiano escolar, que muitas vezes, não percebemos ao longo do ano letivo, pois nos entregamos ao fazer pedagógico e em atingir os objetivos que estão planejados.

As sistematizações de práticas docentes fornecem solides para o desenvolvimento acadêmico profissional dos educadores e incentiva a inovações pedagógicas. Os registros da ação pedagógica não se limita a sala de aula, massim, a todo ato educativo no chão da escola. Tais registros podem se transformar em um portfólio, em projeto de pesquisa ou em um livro.

Por fim, este livro é uma celebração dessas práticas, é um convite para que todos os educadores se engajem na reflexão e na sistematização de suas abordagens pedagógicas. Que ele sirva como uma fonte de inspiração e um guia prático para todos os que dedicam suas vidas a ensinar e aprender e ao aprender ensinar.

*Prof<sup>a</sup>. Ma. Mariza Cristina Camargo da Rosa*

*Grupo de Pesquisa*

*Núcleo de Apoio e Pesquisa em Inclusão*

*NAPI - UNIPAMPA-RS*





**JULIANI KLEINUBING\***

# ***O PAPEL DO REFORÇO ESCOLAR NO PÓS PANDEMIA: RELATO DE PRÁTICA DE REFORÇO ESCOLAR***

*Professora alfabetizadora, graduada em história, Artista plástica;*

***Palavras chave:*** *Reforço Escolar; Oficina de  
aprendizagem; Educação básica.*

*(EMEF Castelo Branco)*

**P**rezados leitores, com imensa alegria poder

compartilhar com vocês o relato de um trabalho desenvolvido em escola de ensino fundamental, um verdadeiro desafio para uma alfabetizadora que atendeu um público de séries iniciais alfabetização e atender alunos do fundamental anos finais no ensino de 9 anos.

Este relato visa abordar o reforço escolar como um instrumento de apoio pedagógico paralelo ao ensino regular, vem a ser um facilitador nesse processo de ensino aprendizagem. Tem como referência que a educação pode influenciar na vida, na formação da personalidade e no melhor desenvolvimento profissional para crianças e adolescentes. Foi realizado um levantamento na escola sobre as dificuldades das crianças e adolescentes em relação a falta de oferta de apoio e reforço escolar no município, percebendo que o pós pandemia, visivelmente



trouxe uma defasagem na aprendizagem, podendo assim propor um local onde esses jovens e crianças possam receber esse amparo para sanar suas dúvidas e defasagens, com horário extra classe, com acesso a internet , livros, e um regente com característica de envolvimento com as crianças e adolescentes. Assim iniciei meu trabalho com” oficina de aprendizagem” na escola Emef Humberto de Alencar Castelo Branco, atende aos alunos em turno inverso. A ideia sempre foi de desenvolver as habilidades básicas, mas o desenvolvimento foi partindo das necessidades desses alunos, em desenvolver os objetos do conhecimento em língua portuguesa e matemática.

Os alunos que frequentam o reforço tiveram um avanço significativo, conforme a assiduidade e a participação relevante dos pais, como também o professor trabalhou em parceria com o professor do reforço, garantindo assim uma troca muito mais eficaz.

É muito importante trabalhar em cima das dificuldades dos alunos, que muitas vezes podem ser até emocionais ou problemas familiares fazendo com que simplesmente o aluno seja estimulado a gostar de estudar, levantando a estima. Desta forma é preciso se adequar a realidade dos alunos em estratégias diversificadas, estabelecendo conexões com estes, levando em conta o uso das tecnologias como forma de aprendizagem, o uso de jogos e desafios, se tornando diferenciadas das propostas pedagógicas para sala de aula. O ensino só acontece de fato quando o que se deve ser ensinado pode se apresentar sob certas contingências de reforço (MOREIRA,1999. pag.82).

O reforço escolar através das oficinas de aprendizagens deve ser visto como fator de aprimoramento das habilidades e do conhecimento deste educando, um lugar simplesmente de compartilhar conhecimentos,

precisa ser um lugar agradável que possa partir da empatia até a confiança no educador, e assim começar as mudanças necessárias, partindo sempre do que o aluno sabe. Os estímulos são necessários para que o educador consiga fazer no educando com dificuldades de aprendizagem, reconheça que pode sim aprender sempre mais, daí a importância da diversidade dos recursos utilizados.

As salas de reforço ou aprendizagem tem ocupado um lugar de destaque nas escolas ao mesmo tempo em que o pós pandemia atingiu diretamente aprendizagem e o rendimento escolar, com estes resultados foi preciso ressignificar esses estudos de reforço, após março de 2020 os educandos brasileiros junto com a população mundial foi surpreendida pelo coronavírus COVID-19. Com o isolamento os alunos receberam de forma remota as atividades escolares, como também uma pequena parte teve aulas online pelo



menos uma vez na semana, essa forma remota não se podia esperar melhores resultados, frente que a responsabilidade foi basicamente das famílias, as quais muitas vezes nem condições de escolaridade ou tempo de ajuda necessária ao rendimento escolar adequado, causando uma imensa defasagem. Durante o isolamento social, os professores também encontraram dificuldades para ministrar suas aulas através da modalidade remota. Tendo assim, que se reinventar diariamente, adaptando-se às tecnologias utilizadas e conciliando com os conteúdos exigidos segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desta forma, buscando maneiras de incluir os alunos durante as aulas, para que estes pudessem obter uma aprendizagem significativa. Sabemos que este reforço se tornou necessário e a importância do reforço escolar é indiscutível, então houve a necessidade de estar assegurada por lei. Logo, a Lei de

Diretrizes e Bases (LDB), nº 9394/96 em seu inciso 24, trata a obrigatoriedade de estudos de recuperação, preferidos de forma paralela ao turno em que o estudante esteja matriculado, para ocorrências de baixo rendimento escolar. Entretanto, este auxílio pode ser encontrado apenas em instituições públicas.

Sendo assim, hoje após quatro anos da pandemia o reforço torna-se realidade nas escolas públicas municipais, garantidas através do regimento escolar e asseguradas pelas equipes diretivas das escolas, com a devida supervisão e coordenação escolar apoiando os professores.

Hoje a minha escola atende uma média de 40 alunos em cada turno sendo divididos por níveis de escrita ou por ano de escolaridade, divididos em pequenos grupos, o atendimento é de duas horas para cada grupo. O trabalho é realizado da forma mais atrativa para o aluno usando a sua criatividade em

diversos recursos como jogos interativos, videoaulas, quiz online, jogos de mesa, atividades extraclasse como teatro, músicas visitas a biblioteca pública, passeios educativos em geral.

Para isso a professora precisa ser também uma observadora de seus alunos, investigar como cada um pode aprender melhor e perceber os diferentes estilos de aprendizagem as diferentes capacidades concentração e os verdadeiros interesses para poder lidar com adversidade (Picolli e Caminia.2012. pg. 45)

Também existem exigências e estratégias para que cada vez mais este trabalho se consolide na rede e nas escolas, já é parte de um programa educacional Educar web, onde todas as informações, planejamentos, recursos e até a frequência deste educando possam estar sendo monitoradas. É importante relatar que no início



da Oficina foi necessário o chamamento das famílias para que os alunos fossem assíduos, pois segundo sobre a oficina, Luckesi (1999) [...] foi muito difícil manter a assiduidade escolar, visto que nem as famílias não tinham ainda o comprometimento. Mas com o passar do ano procura tem se tornado frequente.

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra reforço significa ato ou efeito de reforçar, aumento de força ou auxílio. Desta forma, o reforço escolar representa um apoio extra na educação do aluno.

Durante a Antiguidade ocidental, os escravos eram responsáveis por encaminhar as crianças que estavam na idade adequada até as escolas, onde estes recebiam instruções de seus preceptores sobre como deveriam executar a educação das crianças. “Portanto, estes escravos eram conhecidos como “pedagogos”, pois etimologicamente a palavra provém do” paidós “que significa

criança, juntamente com agogôs que denota condutor, assim, o escravo que conduzia a criança às escolas era conhecido como pedagogo. No decorrer dos séculos, observamos as mudanças incumbidas ao papel de pedagogo, pois passa de escravo responsável a conduzir as crianças ao espaço escolar para um dos protagonistas na atual instituição. Também, vale considerar as atualizações do preparo para tal função, tendo passado por um curso de graduação e respectivas formações no processo, buscando estar preparado para os desafios que estarão por vir. Preparados, estamos para tentar dar continuidade a esse trabalho de valor tão árduo.

*Reforço escolar é uma atividade de auxiliar o educando a aprender o que não foi possível aprender nas horas regulares de aula em uma escola. Desta forma, o objetivo do reforço escolar é ajudar o aluno a acompanhar o processo*

*educacional a qual está inserido. Logo, o professor desta instituição, deve usar metodologias participativas para conduzir o aluno a aprendizagem desejada. (Luckesi 1999)*

Assim podemos dizer que as estratégias das escolas em adequar um espaço pedagógico especializado, com a diversidade de recursos vai mudando o tratamento dessas dificuldades de aprendizagens. Com a continuidade do trabalho é possível mudar realidades como o incentivo ao estudo, a leitura, a escrita, proporcionando ao educando uma segurança. Segurança essa que o aluno perde ao acumular resultados negativos, então essa ferramenta torna-se imprescindível na rotina escolar. Segundo vem afirmar.

*Os alunos que participam do reforço escolar, sempre apresentam avanços em sua aprendizagem, pois tiveram para si a atenção necessária para desenvolver-se. Muitas das vezes os regentes de ensino não se preocupam com o nível de aprendizagem baixa, e vão*



*seguindo suas aulas como se fossem invisíveis, o que piora a situação, pois as dificuldades são acumuladas e os alunos passam a se ver como incapazes.” (SIVA, 2009, p. 02).*

Finalmente, é certo afirmar que as aulas de reforço escolar são uma grande alternativa para os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e em determinadas disciplinas, ele tem se tornado uma forma de intensificar o trabalho com determinados conteúdos para que possam ser melhores assimilados, de forma mais lenta e compreendidos por estes educandos. Esse trabalho tem oferecido muitas possibilidades sem a necessidade de buscar aulas particulares, tornando-se um apoio significativo para o educando. As atividades de reforço trazem ao aluno o despertar a curiosidade de descobrir o novo e assim estimular o verdadeiro encanto em aprender.

Cordialmente,

Juliani Kleinubing

p. 16

## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. 1996

Lukesi, Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar. Editora Cortez. 1999

Moreira, Marco. Aprendizagem Significativa . 1999

Picolli. Luciana e Camini Patrícia. Práticas pedagógicas em educação. Editora Edelbra. 2012 .

Russo. Maria de Fátima. Alfabetização um processo em construção. Editora Saraiva. 2009.

Silva, Carla. O reforço escolar e a melhoria na vida dos educandos. Editora. 2009.

***ENSINAR E ACOLHER:  
UM OLHAR SENSÍVEL  
ATRAVÉS DAS  
APRENDIZAGENS  
SIGNIFICATIVAS***

RUBYA TONEL\*

Palavras- chave: Aprendizagem significativa;  
acolhimento; Educação



**D**urante o período escolar, as crianças enfrentam diversas facilidades e dificuldades, tanto em relação aos conteúdos quanto ao processo de socialização. A empatia e o apoio do professor são elementos fundamentais para a criação de um ambiente de aprendizado positivo e produtivo, que não só motiva os alunos a alcançarem melhores resultados acadêmicos, como também promove o desenvolvimento emocional. A primeira infância é uma fase crucial em que os impactos moldam a personalidade, influenciando medos, afetos, prazeres e outras características que tornam cada indivíduo único.

Alguns temas que o professor deve abordar, tanto dentro quanto fora da escola, são essenciais para o desenvolvimento cognitivo e a formação de bons cidadãos.

Esses temas incluem o uso responsável da tecnologia, com seus lados positivos e negativos, a aceitação das diferenças na educação inclusiva e o combate ao bullying. O professor desempenha um papel importante ao mediar os sentimentos dos alunos de forma positiva, preparando-os para lidar com situações adversas dentro e fora do ambiente escolar.

Quando os alunos percebem que seus professores se importam genuinamente com eles, sentem-se emocionalmente seguros, o que lhes permite expressar dúvidas, opiniões e medos com mais facilidade. Um ambiente de confiança é fundamental para o engajamento e participação ativa ao longo do ano letivo. Além disso, esse ambiente ajuda a reduzir a ansiedade, criando um espaço onde os alunos não temem ser julgados. Dessa forma, a autoestima e a confiança são fortalecidas. Um professor empático reconhece os esforços dos

alunos e reforça suas habilidades por meio de incentivos positivos, fazendo com que se sintam compreendidos e apoiados, o que os torna mais propensos a participar das atividades escolares.

### **Observando através de Freire**

Com base nas concepções de Paulo Freire, renomado educador brasileiro que defendia uma pedagogia baseada no diálogo, respeito e valorização dos educandos, o acolhimento é um elemento central. Para Freire, acolher significa não apenas receber calorosamente os alunos, mas também reconhecer o valor intrínseco de cada indivíduo. Esse acolhimento é essencial para a construção de um ambiente inclusivo e democrático. Freire acreditava que a educação deveria ser uma prática de liberdade, em que as histórias, culturas e conhecimentos dos alunos fossem valorizados,



promovendo um espaço em que se sintam respeitados e compreendidos.

O acolhimento, de acordo com Freire, é fundamental para criar um vínculo significativo entre educador e educando, tornando o processo de aprendizagem mais transformador. Além disso, ele destaca a importância de combater a opressão e promover a emancipação dos indivíduos por meio da educação e do acolhimento. Como ele mesmo diz: *"O acolhimento, dentro do contexto freiriano, refere-se à recepção calorosa e ao acolhimento do valor intrínseco de cada indivíduo, essencial para a construção de um ambiente inclusivo e democrático."* (Freire, 2013, p. 38).

### **Acolhimento e Ansiedade: Um Caso Prático**

Em nossa prática docente, frequentemente nos

deparamos com crianças que enfrentam dificuldades de aprendizagem devido à ansiedade, medo, insegurança e outros fatores relacionados à dimensão socioemocional. O ponto central é saber lidar com essas questões ao mesmo tempo que se ensina. Uma estratégia válida é trabalhar constantemente com situações que ocorrem na sala de aula, incentivando os estudantes a refletirem sobre si mesmos de forma positiva.

Consideremos o caso de uma aluna que está entrando em uma nova escola e demonstra dificuldade de adaptação devido a episódios de ansiedade. Ela frequentemente hesita em entrar na escola, chora na porta e, em algumas ocasiões, volta para casa sem sequer assistir às aulas. Essa situação afeta sua frequência escolar e seu desempenho acadêmico. Com o suporte da orientação escolar, é possível contornar esse problema por meio de acolhimento e empatia. Ao abordar a

aluna de maneira compreensiva e acolhedora, demonstrando que sua ansiedade é levada a sério e que o ambiente escolar é seguro, a professora pode criar um espaço de acolhimento na sala de aula, onde a aluna se sinta confortável e segura.

O diálogo é uma ferramenta essencial para entender melhor os medos da aluna e ajudá-la a superar a ansiedade. Técnicas de respiração e relaxamento, além do apoio da família, são recursos valiosos. A criação de amizades na turma também pode fazer com que a aluna se sinta mais incluída e segura.

### **Projeto sobre Emoções**

Durante o ano letivo, foi desenvolvido um projeto voltado para o trabalho com emoções. Uma das atividades centrais foi a exibição do filme *Divertidamente*, que aborda como as emoções influenciam o comportamento humano. Após o filme, os



alunos foram incentivados a discutir o que lhes causava medo, felicidade, tristeza, raiva e nojo.

A partir dessas reflexões, os alunos criaram estratégias para lidar com emoções negativas, entendendo que todas as emoções são necessárias e possuem seu papel.

Outro recurso utilizado foi o livro *A Vida Não Me Assusta*. Após a leitura do título, os alunos foram questionados sobre seus próprios medos, e, ao longo da leitura, discutiram as emoções retratadas nas ilustrações. O objetivo era explorar os medos individuais e coletivos, criando um espaço de diálogo sobre experiências pessoais e como superá-las.

### **Conclusão**

Indiscutivelmente, o aluno é um indivíduo único, e é importante que o professor saiba construir boas relações que contribuam para a formação de cidadãos éticos e gentis. O acolhimento e a empatia são fundamentais

para criar um ambiente de aprendizado em que os alunos possam se desenvolver plenamente, tanto no aspecto acadêmico quanto no socioemocional.

Como educadores, devemos ser um exemplo de gentileza e respeito, incorporando um comportamento acolhedor que traga crescimento não apenas para os alunos, mas também para nós mesmos e nossos colegas. Como diz o ditado: "O hábito faz o monge."

# ***O DESAFIO DA GESTÃO ESCOLAR NOS TEMPOS DE PANDEMIA***

**JAQUELINE PEREIRA ANCINA\***

**Palavras-chave:** Gestão escolar; Pandemia; Defasagem de Aprendizagem.

**Resumo:**

Em 2019, a educação brasileira sofreu uma drástica transformação com o impacto da pandemia causada pelo vírus Sars-CoV-2. A crise revelou problemas já existentes e trouxe à tona novos desafios, especialmente no que diz respeito à comunicação entre a comunidade escolar e à adaptação ao ensino remoto em um curto período de tempo. A gestão escolar precisou assumir novos desafios, tomando decisões cruciais para integrar ferramentas tecnológicas como recursos didáticos e capacitar professores e alunos para essa nova realidade.



**Prezados leitores,**

**A** pandemia trouxe um cenário atípico, impondo desafios consideráveis para as gestões escolares. Logo após a disseminação do vírus, o estado do Rio Grande do Sul implementou protocolos de distanciamento e aulas remotas. Para organizar o trabalho escolar, a equipe diretiva teve que se adaptar rapidamente, realizando reuniões com distanciamento e estabelecendo um plano de contingência através do COE (Centro de Operações de Emergência) local.

O papel da gestão escolar tornou-se essencial, abrangendo tanto questões pedagógicas quanto administrativas, como a entrega de atividades impressas, distribuição de kits de alimentação e busca ativa por alunos que perderam o vínculo com a escola devido à suspensão indefinida das aulas presenciais. Uma importante estratégia foi a criação de grupos de WhatsApp para a comunicação direta entre professores, alunos e seus responsáveis, permitindo o esclarecimento

de dúvidas e facilitando a adaptação ao novo formato de aprendizado.

As formações pedagógicas e reuniões, que antes eram presenciais, precisaram migrar para o formato online, utilizando ferramentas como o Google Meet, até então desconhecidas por muitos educadores. A comunidade escolar, incluindo pais e alunos, enfrentou o desafio de transformar suas casas em salas de aula, enquanto os professores se adaptavam às novas tecnologias e metodologias.

A escola, como espaço de aprendizado e socialização, também passou por uma reinvenção, integrando tecnologias e promovendo um ambiente de colaboração entre famílias e equipe pedagógica. A relação entre escola e comunidade se fortaleceu, com pais participando ativamente no processo educacional, inclusive na prática de atividades físicas junto com seus filhos.

A pandemia desafiou preconceitos sobre a formação virtual, evidenciando que as ferramentas tecnológicas podem ser aplicadas de maneira eficaz no ambiente escolar. Para garantir uma educação de qualidade, foi fundamental que os professores participassem de formações continuadas e se atualizassem, utilizando

novas estratégias para engajar alunos que sofreram com a defasagem de aprendizado.

### **Considerações Finais**

A pandemia trouxe mudanças profundas para a educação, exigindo adaptações rápidas e significativas. A gestão escolar desempenhou um papel crucial na reorganização do ensino e na promoção de novas metodologias. O ensino híbrido, que combina interações presenciais e online, surgiu como uma solução para os desafios impostos pela pandemia, proporcionando maior flexibilidade e personalização no processo de ensino-aprendizagem.

A pandemia também destacou a necessidade de se reconstruir documentos como o Projeto Político- Pedagógico (PPP), que precisou ser reestruturado para refletir as novas demandas pedagógicas e a realidade escolar pós-pandemia. A volta às aulas presenciais, embora desafiadora, foi um passo essencial para a recuperação das habilidades e competências dos alunos, muitos dos quais sofreram com a defasagem educacional. A criação de salas de reforço e o apoio da comunidade escolar foram fundamentais para minimizar os impactos negativos da crise sanitária sobre a educação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANHARA, Geraldo Donizete. A utilização das novas tecnologias no ensino de geografia. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2125-8.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO). Sobre o ProInfo. Brasília, DF: FNDE; PROINFO, 2017c. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/proinfo>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Tatiana Py Dutra |  
tatianapydutra@padrinhoconteudo.com. Publicado em 29/04/22  
às 07:00 - Atualizado em 29/04/2022 às 07:00

LUCK, Heloísa. Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba: Editora Positivo, 2009.r:

LIBÂNEO, José Carlos. O planejamento Escolar. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4452090/mod\\_resource/content/2/Planejamento%20-%20Lib%C3%A2neo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4452090/mod_resource/content/2/Planejamento%20-%20Lib%C3%A2neo.pdf). Acesso em: 15/07/2021. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Políticas e Tecnologias Educacionais. O papel do diretor escolar e a organização do trabalho pedagógico: documentos norteadores da escola. 2018. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/Fil>

e/gestao\_em\_foco/gestao\_escolar\_unidade1.pdf.  
Acesso em 15/07/2021.

SAE DIGITAL. Guia completo do ensino híbrido: 7 passos para implantá-lo. São Paulo: SAS Plataforma de Educação, 2021. 21 slides, color. Disponível em: [https://aplbsindicato.org.br/wpcontent/uploads/2020/12/cms\\_files\\_166796\\_1600738791ebook\\_SAS\\_Guia\\_completo\\_do\\_ensino\\_hbrido.pdf](https://aplbsindicato.org.br/wpcontent/uploads/2020/12/cms_files_166796_1600738791ebook_SAS_Guia_completo_do_ensino_hbrido.pdf). Acesso em: 15 jun.2022.

VEIGA, Ilma Passos (org.). Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível. 23. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1777813/mod\\_resource/content/1/projeto%20politico%2011%20a35.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1777813/mod_resource/content/1/projeto%20politico%2011%20a35.pdf). Acesso em: 15/07/2021.

# ***PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESAFIADORAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL AOS ANOS INICIAIS.***

ALVAREZ, EVELIN THAIS COSTA

**Resumo:** A educação nos dias atuais desenvolve-se com finalidades e modelos diferenciados, tendo em vista que os alunos que hoje encontram-se em sala de aula necessitam obter novas competências e habilidades, o que certamente exige uma renovação do processo ensino-aprendizagem.

Pensando em estratégias de ensino, temos as atividades lúdicas como uma forma alternativa de estimular a criatividade e o aprendizado por meio de jogos e quando aliadas à competitividade, podem estimular a participação dos alunos e consequentemente aprender conceitos relacionados às atividades. Como outra opção temos as metodologias ativas que também estão se tornando métodos para



ensinar os alunos a desenvolverem as habilidades e competências necessárias para a vida na sociedade atual. Quando elementos lúdicos são incorporados ao ambiente escolar, observa-se que as crianças evoluem de maneira positiva e focada ao enfrentarem os desafios diários. Para que uma criança absorva o conhecimento de forma duradoura, é fundamental estimular sua curiosidade e seu desejo de explorar, uma vez que seu processo de desenvolvimento continua a ser aperfeiçoado para novas descobertas.

As metodologias ativas de aprendizagem constituem uma abordagem pedagógica que se fundamenta em atividades educativas, projetadas para envolver os alunos, permitindo que se tornem protagonistas na construção de seu próprio conhecimento. Em outras palavras, são métodos que priorizam mais o desenvolvimento de habilidades do que a mera transmissão de informações

**A**tualmente, a educação evolui com finalidades e modelos diversos, refletindo a necessidade de que os alunos desenvolvam novas competências e habilidades. Esse cenário exige uma renovação constante do processo de ensino-aprendizagem. Em todas as áreas educacionais, essa transformação é essencial, embora os docentes frequentemente enfrentem desafios como

currículos extensos, conteúdos acumulados, turmas heterogêneas, além de lidar com alunos indisciplinados e desmotivados. Isso torna urgente a adoção de novas dinâmicas, metodologias e abordagens para tornar o ensino mais atrativo e eficiente.

Entre as estratégias inovadoras, as atividades lúdicas têm se destacado como uma alternativa eficaz para estimular a criatividade e facilitar o aprendizado por meio de jogos. Quando combinadas com elementos de competitividade, essas atividades promovem maior participação dos alunos e facilitam a assimilação de conceitos de forma envolvente. Outra abordagem é o uso das metodologias ativas, que vêm ganhando espaço como métodos eficazes para desenvolver habilidades e competências cruciais para o mundo contemporâneo. Segundo Teotônia e Moura (2020, p.196):

*"É preciso perceber o estudante como sujeito participativo na construção de sua aprendizagem, e o professor, atento, deve intervir, aproximando-se do aluno e compreendendo-o em sua complexidade." (TEOTONIA; MOURA, 2020, p.195).*

Diversos estudos mostram que o uso da ludicidade na educação é um instrumento poderoso, auxiliando tanto no desenvolvimento quanto na aprendizagem dos estudantes. Além de ser uma forma de entretenimento, os jogos desempenham um papel crucial no crescimento psicológico e cognitivo das crianças. Quando utilizados como ferramenta pedagógica, eles despertam um sentimento de autonomia e satisfação no aprendizado, deixando de ser vistos como uma obrigação. Os alunos também aprendem a seguir regras, o que contribui para seu processo de socialização e desenvolvimento de habilidades para a vida. Conforme destaca Fortuna (2011,p.9):

"A brincadeira é tão importante para o desenvolvimento humano que, mesmo em



situações de conflito, ela contribui para o *crescimento e a aprendizagem. Negociar, convencer, ceder, lutar por um ponto de vista – tudo isso ensina a viver.*"

Ao integrar elementos lúdicos no ambiente escolar, é possível observar um desenvolvimento mais focado e positivo por parte das crianças, que, ao enfrentar desafios diários, têm sua curiosidade e desejo de explorar continuamente estimulados. Esse processo promove autoconhecimento, habilidades sociais como cooperação e autocontrole, além de incentivar a criatividade e o pensamento estratégico.

Além das atividades lúdicas, as metodologias ativas são outra abordagem pedagógica que visa motivar os alunos a aprender de maneira autônoma, envolvendo-os em problemas e situações do mundo real. Nessas metodologias, o professor assume o papel de facilitador, e os estudantes se tornam protagonistas de seu

próprio aprendizado, desenvolvendo capacidades críticas e a responsabilidade pela construção de seu conhecimento. Teotonia e Moura (2020, p.9) complementam:

*"O objetivo das Metodologias Ativas é desenvolver no aluno o protagonismo na sua aprendizagem, levando-o a encontrar soluções para problemas ou situações, agregando conhecimento e estratégias que transformem sua realidade."*

Essas metodologias oferecem uma abordagem prática, na qual os alunos participam ativamente do processo de aprendizado, recebendo feedback imediato e revisitando conceitos de forma contínua. Ao contrário do modelo tradicional, em que o professor centraliza a aula, as metodologias ativas incentivam maior interação e engajamento, permitindo que o ensino se torne mais dinâmico e produtivo.

Na prática, porém, esses métodos nem sempre são fáceis de implementar. Professores

enfrentam dificuldades para conduzir essas atividades e muitas vezes precisam de capacitação e aprimoramento para aplicar essas novas abordagens. Embora os inícios sejam desafiadores, os recomeços podem ser ainda mais difíceis, exigindo coragem para sair da zona de conforto e adaptar-se a novas realidades.

Sou professora de escola pública, graduada em pedagogia e com quatro especializações (AEE, gestão escolar, tutoria e docência a distância e ludopedagogia). Iniciei minha carreira em 2007 na educação infantil, e 2023 foi um marco decisivo em minha trajetória. Após 17 anos na educação infantil, enfrentei o desafio de assumir uma turma do 5º ano. Com isso, vieram muitas indagações: como adaptar minhas estratégias para alunos mais velhos? Como seria a aceitação?



Ao conhecer minha nova turma, composta por pré-adolescentes de 10 e 11 anos, senti uma mistura de alegria e apreensão. No primeiro dia de aula, trabalhei com eles um projeto sobre emoções, utilizando o livro "O Monstro das Cores". Esse projeto foi fundamental para nos conhecermos melhor e estabelecer uma conexão. Durante as primeiras semanas, a sondagem foi crucial para identificar as necessidades da turma, e a partir daí, passei a desenvolver atividades que promovessem a criatividade e o trabalho em equipe.

Ao longo do ano, utilizei uma série de estratégias inovadoras, como projetos de leitura com o "Leitura Card", redações criativas e o uso de metodologias ativas, como a sala de aula invertida. Também promovemos gincanas matemáticas, atividades sobre o sistema solar e projetos interdisciplinares sobre a África, abordando cultura, geografia e história de

forma lúdica e envolvente. Refletindo sobre esse período, percebo o quanto evoluímos, tanto eu como professora quanto meus alunos. Foram muitas trocas, aprendizagens e desafios superados. Ao final de cada ano letivo, sinto-me grata por ter cumprido minha missão, sabendo que contribuí para o crescimento de cada criança que passou por mim. **Cordialmente,**

**Evelin Thais Costa Alvarez**

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para educação infantil. Ministério de educação e do desporto, secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SET,1998
- FORTUNA, Tânia Ramos. O lugar do brincar na educação infantil, ano IX, n.27, p.8-10, abr/Jun 2011
- MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas.
- PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.
- TEOTONIA; Moura. Metodologias ativas na aprendizagem: um desafio para o professor do século XXI. Formação Docente e Trabalho Pedagógico: Diálogos Fecundos. Org. Andréa Koachhann. Editora Scotti, Goiânia, 2020.



# O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO UNIVERSO ESCOLAR : UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA FREIREANA

*Palavras-chave: Educação, Orientação  
educacional, perspectiva freireana.*

CRISTINA PERES BARBOZA DIAS

email: [cristinaperes2909@gmail.com](mailto:cristinaperes2909@gmail.com)

<sup>1</sup> Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA, Graduada em Letras - Português habilitação Língua Espanhola. Graduada em Pedagogia. Especialista em História Africana, Afro-brasileira e Indígena- UNIPAMPA Pós graduada em Gestão Escolar (supervisão e Orientação). Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela UFPEL.

**Prezados leitores,**

**H**á muito me tornei professora, lá pelos idos de 1992 quando obtive meu primeiro diploma, o do magistério. Desde então, em 1994 tive minha primeira oportunidade de atuação na educação infantil. E por todos estes anos até atualmente passei pelo ensino médio, ensino fundamental e neste caminho inúmeras crianças e jovens passaram em meu caminho. Através de concurso público passei a exercer a função de Professora Orientadora Pedagógica no ensino fundamental. Escolhi, neste relato, trazer breves considerações sobre essa nossa profissão e como ela se afirmou no universo educacional desde os primeiros passos.

A Orientação Educacional (O.E) surge a partir da demanda de estudantes que chegam à escola a partir da revolução industrial, pois essa revolução modificou as relações de trabalho nos países em que ela ocorreu

naquele momento já veio provocar a necessidade de mão de obra especializada e foi delegado à escola essa função. Segundo Giacaglia e Penteado (2010) dadas as circunstâncias de suas novas origens, a OE passaria a servir a novas necessidades e, conseqüentemente, iria se identificar, ser definida e ser restrita -ou dedicada preferentemente- ,à orientação profissional e a Orientação vocacional, sendo exercida no âmbito escolar. Assim a OE com essas finalidades teve início apenas em fins do século XIX. Surgindo em São Francisco em Boston, nos EUA, e a seguir na França, estendendo-se mais tarde a outros países e inclusive ao Brasil.

No Brasil o início da orientação educacional deu-se, de forma limitada, ao escopo da orientação vocacional e profissional que deveria atender as demandas técnicas da revolução industrial e portanto formaria um novo perfil profissional no Brasil naquele



momento, que além disso também experimentava um período de efervescência cultural e educacional pois sofria a influência de educadores brasileiros que vinham dos EUA contribuindo com conhecimentos oriundos dos inúmeros movimentos educacionais e além disso o país vivia o período da semana da arte moderna. Esses educadores tornaram-se então os pioneiros da orientação educacional no Brasil.

No Brasil foi pioneiro na implantação de um serviço oficial de orientação educacional conforme o modelo norte americano, em 1931 o professor Lourenço Filho, chefe do departamento de educação de São Paulo, criou um serviço de Orientação profissional educacional.

É neste momento que é acrescentado o termo “Educação”.

Em 1933 no Rio de Janeiro passou a funcionar junto ao Serviço de Psicologia. Aplicada da Diretoria Geral do Ensino em São Paulo. Em 1934, as professoras Aracy Muniz Freire e Maria Junqueira Schmidt, deram início adifusão e a implantação do serviço incentivando movimento para a implantação da orientação educacional no Rio de Janeiro e no Distrito federal, no entanto este trabalho restringia-se ainda, à escola secundária.

Em 1938 o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) criou uma subdivisão para implantar a Orientação educacional no Brasil.

Contudo, apenas em 1942 a legislação brasileira menciona a orientação educacional. De acordo com as leis era obrigatório a implantação do serviço nas escolas secundárias, no entanto, havia ainda carência de profissionais. O primeiro curso para

formadores orientadores educacionais no Brasil que se tem notícia foi criado em 1945, na Pontifícia Universidade Católica, de Campinas

, São Paulo. Em 1950, o Regimento Interno dos colégios e Ginásios Estaduais do Estado de São Paulo (Ato nº 10 de 27/01/1950) dedicou um capítulo a O.E nas escolas. Nessa época, segundo Giacaglia, e Penteado (2010) não existiam O.E do sexo masculino, a função das

O.E embora ainda desconhecida por muitos, estas profissionais todas do sexo feminino, eram chamadas quando na escola surgiam problemas relacionados ao que denominavam “ assuntos femininos”, visto que a grande maioria dos professores eram do sexo masculino.

No período que compreende 1958 -1960 a Orientação Educacional tem uma portaria que regulamenta a profissão, abarca as escolas primárias e no ano de 1960 tem se o primeiro registro profissional junto ao MEC. Além da



década de 1960 ter sido de grandes avanços na legislação, houve seminários e muitos concursos na área. Na década de 1970 as legislações caracterizam-se principalmente pela busca de consenso entre as formações e os requisitos legais que deveria haver para o exercício profissional. Nesse momento, os orientadores educacionais passaram a atuar também nas escolas públicas.

Na Década de 1980 nota-se uma desvalorização da profissão devido a alguns fatores como, o não cumprimento da legislação; desinteresse na função; os profissionais funcionando como curinga na escola; desvalorização e desconhecimento de sua função; a não realização de concursos públicos; falta de profissionais habilitados e principalmente pela desconfiança de que houvesse viés ideológico. Foi uma época bastante conturbada e de perda de prestígio desses profissionais. Também se começou a

desvincular-se do modelo trazido dos EUA já que há muito deixou de ser Orientador Vocacional. Nesse momento era importante desvincular o modelo de atuação, pois nos EUA, pois lá as escolas eram comunitárias onde os professores eram da comunidade e os alunos, no Brasil o aluno muitas vezes não pertence a comunidade nem os professores, nem os funcionários.

Do ano de 1996 a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB) - Dias atuais-Considerando o breve histórico Giacaglia e Penteado(2010) contribuem dizendo que a nova lei de Diretrizes e bases da Educação menciona a profissão de forma generalizada, arrolando -a no art.64 e no final quando dos tipos de profissionais de educação.

Devido a importância do serviço de Orientação nas escolas, como podemos definir a orientação educacional? Inicialmente é um

serviço personalizado, pois o atendimento vai desde crianças pequenas até mesmo os próprios professores. Muitas vezes os professores também necessitam de apoio psicológico e o serviço de orientação sendo responsável pela captação de estratégias e de formar pontes e parcerias com os demais profissionais parceiros da educação, encaminha o professor que desejar, ao atendimento psicológico. Contudo esta realidade se

encontra muito mais no trabalho oferecido em nível municipal especificamente a rede de ensino do município de Uruguaiana. Chegando a década de 2000 podemos já olhar para nossa realidade enquanto município, visto que a partir de meados dos anos 2012 passou a realizar concursos públicos para o recrutamento de profissionais, graduados e licenciados em nível superior em qualquer área, para a atuação no serviço de Orientação Educacional da rede pública para



desempenhar a função denominando o cargo como  
“Professores Orientadores  
Pedagógicos”.

Através de concurso público passei a exercer a função de Professora Orientadora Pedagógica no ensino fundamental. Nesse ínterim, há muito conhecia a obra de Paulo Freire. Pois é leitura indispensável para qualquer educador, compreender a magnanimidade do conteúdo e enorme contribuição para qualquer professor. Compreendemos isso a partir de suas obras, visto que sua experiência serve de exemplos onde poderíamos seguir diariamente e que tornaria menos tortuosos os problemas e dissabores que como educadores enfrentamos no dia a dia.

Assim ao longo dos anos como professores vamos agregando experiência e nos constituindo educadores como diz (FREIRE, 2000) as qualidades que lhe parecem

indispensáveis às educadoras e educadores são predicados que vão sendo gerados na sua prática.

De acordo com a obra “ Professora sim, tãã-  
cartas a quem ousa ensinar” Freire elenca alguns predicados tais como a humildade, que em sua perspectiva significa confiança em nossa atuação e respeito a nós mesmos, entendendo como aceitação de nossa condição de que na interação com os outros indivíduos, nossos alunos, também estamos nos constituindo como seres aprendizes, afinal aprendemos tanto com as diferentes situações diárias e com as relações que desenvolvemos com cada pessoa.

Assim enquanto orientadora educacional percebo que uma das práticas mais importantes neste percurso é a capacidade de escuta, pois a sala de orientação é um espaço

escolar onde as necessidades, os anseios, os problemas e demais

conflitos são expostos e juntamente com as famílias e os educandos busca-se montar estratégias para o sucesso dos educandos. De acordo com (Freire,1997) a humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo. Sem humildade dificilmente ouviremos com respeito. De fato, o papel do educador, tão mais o orientador educacional, profissional que atua diretamente com a comunidade escolar ao ver-se imbuído da responsabilidade da acolhida percebe-se diante de grandes desafios. Pois muitas vezes aquela criança ou aquele jovem só tem a nós para expor suas dificuldades, seus anseios e suas dores no âmbito escolar e familiar.



Por isso, na prática da orientação educacional é necessário a amorosidade, elencada por Paulo Freire, é a amorosidade que, sem esta, o trabalho perde o significado. Pois que não é somente aos alunos, mas também à prática pedagógica orientando-os para que entendam quais as diretrizes que devem seguir na vida em sociedade para bemconstruir seus futuros. Contudo, há que se mostrar aos estudantes a importância e a necessidade inegociável de valorizar o professor, a convivência com a professora, o respeito a sua docência evitando reduzir a professora a “tia” como diz Paulo Freire

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas

não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (FREIRE,1997)

Assim que as relações por mais estreitas que se tornem ao longo do ano, faz-se importante que a figura do professor enquanto profissional não seja dissolvida quanto a isso FREIRE(1997) explica que Recusar a identificação da figura do professor com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à lei. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental é professor: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente.

Outrossim, a prática pedagógica segundo Freire exige amorosidade, humildade, tolerância, segurança, paciência, coragem elementos que enquanto profissionais da

educação temos que eleger e desenvolver em nós mesmos. Para que tanto na sala de aula quanto no espaço de orientação escolar possamos atuar de forma a contribuir com estes estudantes.

A orientação escolar torna-se função balizadora e promotora destes elementos principalmente em contato com os alunos. Já mencionei o papel da escola, entretanto juntamente com a escola a família é parte importante nessas relações. Entendo que a criança e o jovem são o reflexo da família no contexto escolar e o sucesso dessas relações acontece quando o aluno consegue gerir com tranquilidade suas emoções. Assim se está com problemas em casa como separação dos pais, abusos, assédios é na sala de aula que temos o reflexo e a orientação escolar monta as estratégias para que consiga encontrar caminhos de superação desses problemas.



Ademais percebe-se que nos dias de hoje em relação a formação dos filhos que a família está cheia de contradições, impasses, ambiguidades. Do lado dos filhos, estes, se mostram atônitos, com excesso de liberdade, paralisados frente a multiplicidade de opiniões e liberdades de escolha. Por outro lado os pais com angústias da impossibilidade de dizer “não” e dá sustentação dessa decisão e de mantê-la, assumindo seus efeitos diante dos filhos.

Porém a escola ainda é a maior instituição parceira da família, assim é importante considerar que temos que manter através dos tempos certas convicções, pois que sabemos que mudam as formas de educação, mas os valores não mudam. Estes são balizadores na prática de ensinar na escola e na família de educar. Sejam eles respeito, dedicação aos estudos, comprometimento. Se a família não

consegue construir bases sólidas a escola recebe toda esta carga de conflitos.

Deixo claro que embora seja meu interesse central considerar saberes que sejam indispensáveis a minha prática docente, encontro na obra de Paulo Freire (2021) em, Pedagogia da autonomia, no texto intitulado “ Não há docência sem discência” ilustração do que representa a nossa prática pois aborda nosso percurso enquanto educadores e no meu entendimento, do quanto nossa atuação está calcada nas trocas de experiências diárias e no quanto estas experiências vão nos moldando, nos constituindo orientadores educacionais. Assim que, de acordo com as palavras de (FREIRE 2021),

a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência [...] e reforça dizendo que quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de

uma experiência total, diretiva, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a docência e com a seriedade.

Assim, discutir os saberes e qualidades, mas creio que temos que examinar os caminhos para trabalhar cada vez mais em nossa prática e em nosso cotidiano as habilidades emocionais na escola. Visto que é uma tendência que não passará, não é mais um modismo é fator indispensável. O trabalho para o desenvolvimento das competências emocionais estará cada vez mais presente em quaisquer dos ambientes da escola. Acredito que um currículo deva contemplar espaço pedagógico onde os alunos são incentivados a serem pró ativos, produtivos, criar sinergia, saber definir prioridades, ter autonomia, equilíbrio emocional no enfrentamento a situações adversas. Pois aprendem a resolver conflitos e a enfrentar desafios e passam a ter melhor



desempenho pessoal e social, ou seja, aprendem para além dos conteúdos. Como disse anteriormente, a escola ainda é a maior instituição parceira da família.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 1ª edição (edição especial). São Paulo: Paz e terra, 2021.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar, São Paulo: Olho D'água. 2000.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini Penteado, Wilma Millan Alves. Orgs. Orientação educacional na prática : princípios, técnicas, instrumentos . 6 ed. São Paulo, SP : Pioneira, 2000.

# ***PERMANÊNCIA NO CONTEXTO INCLUSIVO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA APRENDIZAGEM***

**PALAVRAS-CHAVE:** aprendizado, educação, intervenções,  
pedagogia

[lillianvargasclaussen@gmail.com](mailto:lillianvargasclaussen@gmail.com)

CLAUSSEN, LILLIAN DA ROSA VARGAS<sup>1</sup>

## Resumo

A inclusão escolar é um paradigma e, sendo assim, requer um processo de ressignificação de concepções e práticas nas quais os professores precisam considerar as deficiências como parte da diversidade humana, assim como compreender que as diferenças encontradas nas salas de aula contribuem para transformar a realidade de muitas crianças que apresentam deficiência. Para que esse entendimento fique claro aos professores e que se sintam confiantes em trabalhar com os alunos com deficiência, eles precisam receber formação continuada através de políticas públicas, somente assim, teremos profissionais satisfeitos com suas práticas pedagógicas, qualidade no ensino e na aprendizagem e a permanência do aluno com deficiência na escola.

Justifica-se este trabalho por perceber nas práticas que as formações continuadas são somente uma extensão do que realmente é necessário para o bom desenvolvimento escolar, a lacuna existente entre o planejamento e alcançar esse objetivo ainda é latente, pois a realização dessa prática além do professor, necessita de um profissional inteiramente exclusivo para o aluno incluso. Metodologicamente realizei uma revisão bibliográfica sobre o tema amparada também nas práticas pedagógicas que realizo em sala de aula como forma de sustentar tais argumentos.



**Prezados educadores e gestores,**

**É** com grande satisfação que compartilho reflexões acerca de um tema de extrema relevância para nossa prática educativa: a inclusão de pessoas com deficiência (PCDs) na escola regular. Ao longo do tempo, a história das PCDs nos mostra que, apesar dos avanços sociais e legais, ainda enfrentamos muitos desafios para oferecer uma educação de qualidade e inclusiva.

A inclusão escolar não é apenas uma questão de acesso, mas de permanência significativa e a participação ativa desses alunos em sala de aula.

Nossa missão, como educadores, é superar as barreiras que dificultam a integração plena desses estudantes. Embora muitas legislações e políticas públicas tenham sido implementadas, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os tratados internacionais, o caminho para uma educação verdadeiramente inclusiva ainda demanda esforços contínuos.

### **Uma Breve Jornada pela História das PCDs**

Desde a Antiguidade, as PCDs foram tratadas com extrema exclusão. Na Grécia e Roma, por exemplo, crianças com deficiências eram frequentemente abandonadas ou exterminadas, vistas como inadequadas para os padrões sociais da época. Esses ideais de perfeição e beleza influenciaram o tratamento desumano que muitos enfrentaram.

Na Idade Média, apesar do avanço promovido pelo cristianismo, que trouxe princípios de

caridade e cuidado aos mais necessitados, a deficiência ainda era vista como uma manifestação de punição divina. As pessoas com deficiência continuavam segregadas, muitas vezes consideradas como possuídas por forças sobrenaturais, o que resultava em práticas de exorcismo e exclusão.

Com o passar do tempo, o avanço científico começou a mudar a visão sobre as deficiências. No século XVII, estudos como o de Thomas Willis começaram a entender as deficiências mentais a partir de uma perspectiva neurológica, marcando o início de uma abordagem mais racional e menos supersticiosa.

### **O Papel da Educação na Inclusão das PCDs**

Na educação, a transformação foi lenta, mas essencial. Durante o século XX, a visão médico-pedagógica começou a emergir, e o conceito de "Educação Especial" passou a tomar forma. No entanto, essa abordagem, muitas vezes,



reduzia as PCDs a um tratamento terapêutico, afastando-as do contexto escolar comum.

A verdadeira mudança começou com a Declaração de Salamanca, em 1994, que propôs diretrizes claras para a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas deficiências, nas escolas regulares. A partir de então, o foco passou a ser a integração das PCDs na sociedade, respeitando seus direitos como cidadãos plenos.

Contudo, sabemos que essa inclusão só será efetiva quando houver uma reorganização das práticas escolares. Isso inclui repensar o planejamento, a formação de turmas, o currículo e os métodos de avaliação, garantindo que todos os alunos, com ou sem deficiência, possam desenvolver-se plenamente em um ambiente que acolha suas singularidades.

### **O Desafio Contínuo: Formação e Preparação de Educadores**

Para que a inclusão de PCDs seja uma realidade em nossas escolas, é imprescindível que nós, educadores, estejamos preparados. A formação continuada e especializada é essencial para lidar com as especificidades de cada aluno. Precisamos de uma postura de constante aprendizado e adaptação, sempre buscando novas formas de ensinar e mediar o conhecimento.

Como nos ensina Vygotsky, "o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro". Isso significa que o papel do professor como mediador é central no processo de aprendizagem das PCDs. Devemos focar no potencial de cada aluno, não em suas limitações, criando um ambiente de apoio e incentivo.

### **Conclusão: O Caminho para uma Inclusão Efetiva**

Muito já foi conquistado. Saímos de uma história de exclusão e marginalização das PCDs para

uma era em que seus direitos estão garantidos por lei. No entanto, ainda há muito a ser feito. Precisamos preparar melhor nossas escolas, equipá-las com recursos adequados, como as Salas de Recursos Multifuncionais, e garantir que nossos profissionais estejam capacitados para atender às necessidades desses alunos.

A inclusão é uma responsabilidade coletiva. É nosso dever, como educadores e cidadãos, romper com os paradigmas excludentes e construir uma escola que acolha a todos, respeitando as diferenças e valorizando as singularidades. Só assim poderemos construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva e justa.

*Com estima,*

*Lillian da Rosa Vargas<sup>1</sup>*



## REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <https://shre.ink/DI88> acesso em: 23 de julho de 2024

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:

<<https://goo.gl/aWrVvK>> Acesso em: 22 de julho 2024.

BRASIL. **Declaração de Salamanca 1994.** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanc a.pdf>>.

Acesso em: 23 julho 2024.

BRASIL. **Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB).**

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<https://goo.gl/p5SB6U>>. Acesso em: 15 julho 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001.**

Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.p df](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf)>.

Acesso em: 25 julho 2024

BRASIL. **Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002.** Institui

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <<https://goo.gl/kgtnU>>. Acesso em: 25 julho 2024

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias:**

**uma introdução ao estudo da psicologia.** 13. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999

CARDOSO, Marilene da Silva. **Educação inclusiva: atendimento à diversidade como práxis educativa na rede municipal de Guaíba**. 2005, 293 p. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a educação especial**. Rio de Janeiro: WVAA, 2004.

SILVA, Otto Marques da. **A Epopeia Ignorada** (A Pessoa Deficiente na História do Mundo Ontem e de Hoje). São Paulo. CEDEAS- 1987

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. Educação Especial no Contexto de uma Educação Inclusiva. In **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**.

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras. 2007.

LURIA, A. R. **A construção da mente**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H. **Verbete Declaração de Jomtien**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://educabrasil.com.br/declaracao-de-jomtien/>>. Acesso em 29 jul. 2024

MOREIRA, Evando Carlos. Educação física escolar: propostas e desafios II. Jundiaí: Editora Fontoura, 2006.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental: da supervisão à ciência**. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp. 1984. Disponível em: <https://shre.ink/DI8B> . Acesso em 24 julho 2024

SAVIANI, Dermeval. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: Análise do Projeto do MEC 1237 Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1231-1255, out. 2007. Disponível em:

**VYGOTSKI, L. S., Obras escondidas, capítulo V: Fundamentos de defectología, Editorial Pedagógica, Moscú 1983.**

**VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores, 224 págs. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1991**

**WERNECK, Claudia. Modelo médico x Modelo social de deficiência : Manual da mídia legal 3: comunicadores pela saúde/Escola de gente - Rio de Janeiro : WVA. Editora.2004**



# ***EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS***

ELIZIANE OLIVEIRA,  
EMEF MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR  
CASTELO BRANCO

profelizianeoliveira@gmail.com

## **Resumo**

Este relato busca refletir sobre a educação emocional no ambiente escolar, reconhecendo que as habilidades socioemocionais são essenciais para o sucesso dos alunos. Atualmente, é amplamente reconhecida a necessidade de cultivar competências como inteligência emocional, empatia, resiliência, colaboração e autogestão, que impactam diretamente o bem-estar e o êxito dos discentes. Nesta carta, apresento percepções sobre a educação socioemocional a partir de abordagens implementadas no cotidiano escolar da educação básica, com destaque para experiências e atividades realizadas no 3º ano do ensino fundamental, com alunos de 8 a 9 anos de idade.

## INTRODUÇÃO

O papel fundamental de coordenadores, diretores e professores nesse processo é enfatizado, assim como a importância da parceria entre famílias e responsáveis na promoção de um ambiente de aprendizado saudável e enriquecedor.

O relato de práticas pedagógicas busca demonstrar as estratégias e abordagens adotadas, com exemplos concretos e recursos úteis que podem apoiar a implementação da educação socioambiental. O objetivo foi expandir a visão dos docentes e trazer conhecimento necessário para criar ambientes escolares que valorizam, não apenas o conteúdo acadêmico, mas também o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para

enfrentar os desafios da vida com confiança e resiliência.

A inteligência emocional possibilita que os indivíduos lidem com suas emoções, construam relacionamentos saudáveis e tomem decisões assertivas, habilidades que são cada vez mais exigidas tanto no mercado de trabalho quanto na vida pessoal. Baseando-se em aprendizagens significativas, este trabalho reforça que a educação socioemocional é um dos pilares fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis, empáticos e preparados para enfrentar um mundo em constante transformação.

Vivemos em um período de mudanças rápidas e desafios constantes, no qual as habilidades socioemocionais tornaram-se indispensáveis para o sucesso dos alunos, tanto em sua vida pessoal quanto acadêmica e profissional. Hoje, mais do que nunca, reconhecemos a importância de desenvolver competências



como inteligência emocional, empatia, resiliência, colaboração e autogestão. Tais habilidades impactam diretamente o bem-estar dos estudantes e são essenciais para seu sucesso.

Neste sentido, é crucial apresentar o conceito de educação socioemocional, sua relevância e como integrá-la de forma eficaz ao cotidiano escolar. O foco desta abordagem é explorar as melhores práticas e estratégias que possibilitem a incorporação da educação socioemocional no ambiente escolar, valorizando o papel fundamental de coordenadores, diretores e professores neste processo. Além disso, a colaboração das famílias e responsáveis é igualmente essencial para a criação de um ambiente de aprendizado saudável e enriquecedor.

Ao longo deste texto, utilizo exemplos concretos e apresento recursos práticos que podem apoiar a implementação da educação

socioemocional nas escolas. O objetivo é expandir a compreensão sobre o tema e fornecer as ferramentas necessárias para criar ambientes educacionais que valorizem não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios da vida com confiança e resiliência. Acredito firmemente que a educação socioemocional é um dos pilares fundamentais na formação de cidadãos responsáveis e éticos.

As competências socioemocionais fazem parte de um conjunto de habilidades que permitem aos indivíduos lidar com suas próprias emoções. São aplicáveis em todas as fases da vida e em diversas situações cotidianas — no convívio social, no trabalho e na autorreflexão. A aprendizagem socioemocional é um processo contínuo, constituído por atividades ou programas que ajudam as pessoas a

compreender e gerenciar suas emoções, estabelecer e atingir metas positivas, sentir e demonstrar empatia pelos outros e manter relacionamentos saudáveis, enquanto tomam decisões responsáveis.

O desenvolvimento dessas habilidades proporciona aos estudantes um maior equilíbrio emocional, o que lhes permite lidar de forma mais eficiente com as dificuldades que surgem. Quando um aluno desenvolve essas competências, ele passa a controlar melhor seus impulsos e emoções, evitando reações automáticas e negativas diante das adversidades. Na prática, isso resulta em uma maior sociabilidade e na capacidade de exercer empatia. Dessa forma, um dos principais objetivos da educação emocional é justamente o fortalecimento dessas competências.

A educação emocional desempenha um papel crucial na habilidade dos alunos de lidar



com o estresse, resolver conflitos, estabelecer relações interpessoais positivas e manter um estado de equilíbrio emocional. Essas capacidades não apenas tornam o ambiente escolar mais harmonioso, mas também preparam os estudantes para os desafios da vida cotidiana.

Nesse contexto, a educação socioemocional promove o desenvolvimento de competências valiosas como empatia, autoconhecimento, respeito, autonomia, liderança, trabalho em equipe e comunicação assertiva. Através dessas habilidades, crianças e adolescentes aprendem a gerenciar suas emoções de forma harmônica, o que contribui para sua formação completa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância dessas competências, incorporando-as em sua estrutura como parte das dez competências gerais que norteiam o ensino na educação básica. A BNCC, sendo

um documento normativo, define o conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser trabalhadas de forma integrada no currículo escolar ao longo de toda a educação básica.

Espera-se que, em tempos de amplo acesso à informação e de constantes transformações tecnológicas, as escolas e seus profissionais reestruturem o sentido da aprendizagem, a função social da escola e o papel do professor. Esse é um grande desafio no contexto das transições sociais, morais e políticas que vivemos. A meta é idealizar um ambiente escolar que invista na preparação de educadores capacitados, que promovam o conhecimento significativo e a sistematização do fazer pedagógico, contribuindo para a formação de indivíduos que pensem e ajam de forma crítica e reflexiva, valorizando suas competências.

Com base em uma construção cidadã e ética, a educação deve ser vista como um

instrumento de agregação e consolidação da convivência social. Torna-se, portanto, fundamental um movimento de colaboração entre educadores, famílias e outras entidades para promover uma articulação participativa e democrática, onde o aprendiz é o sujeito de sua própria cognição. Isso implica atender às necessidades individuais por meio de atividades diversificadas, voltadas para a construção de uma nova visão de mundo, impactada pelo avanço da ciência, e que transcende os limites das instituições escolares.

Nesse sentido, caminhamos rumo a uma formação qualitativa, que reconhece o currículo oculto, a inclusão, a promoção social, a liberdade de ser e aprender, além de valorizar a disseminação de criações, pensamentos e pesquisas. Tudo isso deve ser feito com base em diagnósticos prévios, planejamento e na formação integral dos indivíduos, buscando a



arte de bem viver e o cultivo da virtude no processo de desenvolvimento humano.

### **A Escola dos Sonhos**

Segundo Gadotti (2018), a educação ao longoda vida é uma construção contínua da pessoa humana, envolvendo seu saber, suas aptidões, bem como sua capacidade de discernir e agir. Esse processo conduz o indivíduo a uma tomada de consciência de si mesmo e do meio em que vive, permitindo-lhe desempenhar seu papel social no trabalho e na comunidade.

Os primeiros anos de educação são considerados bem-sucedidos quando conseguem transmitir aos indivíduos uma base sólida que lhes permita continuar aprendendoao longo de toda a vida, tanto no trabalho quanto em outros aspectos da vida. O aprendizado é contínuo, ocorrendo no lar, no trabalho e na comunidade. Mesmo nos últimos estágios da vida, as pessoas são capazes de aprender, evidenciando que não há uma

idade limite para a construção do conhecimento.

Gadotti (2018) destaca que, se houvesse uma idade certa para a aprendizagem, o direito de aprender estaria limitado a essa fase, o que excluiria aqueles que não aproveitassem essa oportunidade. No entanto, sabemos que esse direito é mantido ao longo de toda a vida, sendo dever do Estado garantir a oferta de educação para todos, independentemente da idade.

O conceito de "aprender a fazer", um dos quatro pilares da educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser), não pode ser reduzido à preparação do indivíduo para uma tarefa específica. A aprendizagem deve evoluir e não pode ser vista apenas como a transmissão de práticas rotineiras, embora estas ainda tenham valor formativo (Delors, 2001).

### **A Importância da Educação Socioemocional**

A educação é um pilar fundamental na formação dos indivíduos, preparando-os tanto para o mundo acadêmico quanto para o profissional. No entanto, o desenvolvimento integral dos alunos vai além do conhecimento técnico ou da simples memorização. É essencial proporcionar aos estudantes as habilidades e competências socioemocionais necessárias para enfrentar os desafios da vida de forma equilibrada e saudável.

O conceito de aprendizagem socioemocional foi formalizado há aproximadamente duas décadas. Em 1994, um grupo de pesquisadores nos Estados Unidos criou o CASEL (Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning), uma organização global dedicada a examinar o impacto da aprendizagem socioemocional na educação. O objetivo do CASEL é promover uma abordagem integrada, combinando aprendizado acadêmico, social e emocional, desde a pré-escola até o ensino médio.



A educação socioemocional se refere ao desenvolvimento de habilidades relacionadas às emoções e aos relacionamentos interpessoais. Baseia-se na premissa de que o desenvolvimento cognitivo e emocional é igualmente importantes para o crescimento do indivíduo. Através dela, é possível estimular o desenvolvimento de habilidades que capacitam o estudante a se tornar um cidadão mais crítico, com melhores habilidades de relacionamento interpessoal e maior capacidade de transformar a realidade ao seu redor.

### **As Competências da Educação Socioemocional**

A educação socioemocional pode ser dividida em cinco grandes competências:

1. Autoconsciência: Habilidade de reconhecer e entender as próprias emoções.
2. Autogestão: Capacidade de regular as emoções de maneira saudável.
3. Consciência social: Habilidade de compreender as emoções e necessidades dos outros.
4. Habilidades de relacionamento: Competências necessárias para estabelecer e manter relações saudáveis.
5. Tomada de decisão responsável: Capacidade de tomar decisões éticas e ponderadas, considerando o impacto dessas escolhas na vida pessoal e na comunidade.

Essas competências ajudam os alunos a desenvolver relações mais saudáveis, tanto no ambiente escolar quanto em sua vida pessoal.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as competências socioemocionais estão presentes nas dez competências gerais que orientam a educação básica. Por isso, é fundamental que as escolas integrem essas habilidades em suas práticas diárias.

### **Benefícios da Educação Socioemocional**

O desenvolvimento das competências socioemocionais traz diversos benefícios para os alunos:

- Bem-estar emocional: Um ambiente escolar mais acolhedor é criado, onde os alunos se sentem compreendidos, respeitados e apoiados, além de mais seguros para serem eles mesmos.
- Fortalecimento de relacionamentos saudáveis: As habilidades socioemocionais fortalecem os relacionamentos interpessoais, promovendo a empatia, a comunicação eficaz e a resolução de conflitos. Isso



resulta em um clima escolar mais positivo, com cooperação e respeito mútuo.

- **Maior concentração e persistência:** Os alunos aprendem a se concentrar e a persistir diante dos desafios, desenvolvendo estratégias de aprendizagem mais eficazes.
- **Preparação para os desafios futuros:** A vida é repleta de desafios, incertezas e mudanças. A educação socioemocional capacita os alunos a lidar com essas situações de forma adaptativa e resiliente, desenvolvendo habilidades como resolução de problemas, tomada de decisões e pensamento crítico.

### **Estratégias para Promover Habilidades Socioemocionais**

A sala de aula é um ambiente privilegiado para promover o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos, já que eles passam grande parte de seu dia convivendo com

colegas e professores. Estudos apontam algumas estratégias que os educadores podem adotar para cultivar essas habilidades de forma intencional e eficaz:

- Criação de um ambiente seguro e acolhedor: Estabeleça normas claras de convivência, incentive a empatia e promova a valorização das diferenças. Certifique-se de que os alunos se sintam à vontade para expressar suas emoções e opiniões, criando um espaço onde todos se sintam seguros e respeitados.
- Incentivo ao reconhecimento das emoções: Ajude os alunos a identificar e nomear suas emoções, desenvolvendo a linguagem emocional. Isso pode ser feito através de atividades como diários emocionais e rodas de conversa.
- Promoção da empatia: Incentive os alunos a se colocarem no lugar dos outros, promovendo atividades que

estimulem a empatia, como discussões sobre diferentes pontos de vista e projetos colaborativos.

- Estimulação da resolução pacífica de conflitos: Promova habilidades de comunicação não violenta, negociação e escuta ativa. Forneça técnicas de resolução de problemas em grupo e estratégias de mediação.
- Prática da colaboração e trabalho em equipe: Realize projetos em grupo, discussões estruturadas e resolução de problemas coletivos. Incentive a troca de ideias e a divisão de responsabilidades.

## **Os Cinco Pilares da Educação Socioemocional**

As competências socioemocionais podem ser resumidas nos seguintes pilares:

- Consciência emocional: Reconhecer e entender as próprias emoções e as dos outros.



- **Autorregulação emocional:** Regular as emoções de maneira saudável, promovendo resiliência, autodisciplina e autocontrole.
- **Habilidades sociais:** Desenvolver a capacidade de estabelecer e manter relacionamentos saudáveis, através da comunicação, colaboração e empatia.
- **Consciência cultural e social:** Desenvolver o respeito pela diversidade cultural, promovendo inclusão, justiça social e engajamento cívico.

Esses pilares fornecem um quadro abrangente para o desenvolvimento integral dos alunos, capacitando-os a se tornarem indivíduos emocionalmente inteligentes, socialmente competentes e éticos.

### **Formação e Apoio aos Educadores**

Coordenadores, diretores e mantenedores têm a responsabilidade de garantir que os

professores recebam a formação e o desenvolvimento profissional necessários para implementar a educação socioemocional de maneira eficaz. Isso pode incluir workshops, cursos e palestras, além de suporte contínuo aos educadores, com orientação, recursos e feedback.

### **A Colaboração entre Família e Escola como Fator Chave**

A colaboração entre família e escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento da saúde socioemocional dos estudantes, uma vez que o processo de aprendizagem começa dentro de casa. Quando famílias e escolas trabalham juntas, é possível criar um ambiente de apoio mútuo, promovendo o desenvolvimento integral dos jovens.

De acordo com Paulo Freire, o que antes era considerado suficiente em termos de educação pela família e pela escola já não

atende às necessidades atuais. O ideal é que pais, professores e comunidades estreitem seus laços, transformando a educação em um processo coletivo. No entanto, cabe aos professores focar no aluno, independentemente da história familiar que ele carrega e que o influencia, pois a tarefa de educar os pais não lhes compete.

A família é o primeiro ambiente social em que os alunos são inseridos, sendo o local onde as bases socioemocionais começam a ser formadas. Quando família e escola trabalham em conjunto, os benefícios para a vida do aluno são significativos. A comunicação rotineira e aberta entre pais e professores possibilita uma compreensão mais completa das necessidades individuais dos estudantes, o que permite uma abordagem personalizada, adaptada às particularidades de cada um, promovendo assim um ambiente inclusivo e acolhedor.



O desenvolvimento socioemocional dos alunos vai além do ambiente escolar e é uma responsabilidade compartilhada. Quando os alunos percebem que suas famílias e educadores estão trabalhando juntos para apoiá-los, o impacto em sua jornada é muito mais positivo. A colaboração entre família e escola é um fator-chave para o desenvolvimento da saúde socioemocional. Essa parceria fornece um suporte abrangente e consistente, fortalecendo o crescimento emocional, social e acadêmico dos estudantes.

### **Da Teoria à Prática**

Com o objetivo de tornar as práticas pedagógicas mais significativas, foram planejadas diversas atividades que consideraram a realidade dos alunos e promoveram o desenvolvimento das expressões e sentimentos. As atividades interdisciplinares foram integradas à teoria e à

prática, abordando temas sobre emoções. Observou-se, em sala de aula, a influência da vivência familiar em comportamentos recorrentes de desrespeito entre os alunos, o que motivou o desenvolvimento do projeto "Faça Amizades" com a turma do 3º ano do ensino fundamental. Abaixo, descrevo os principais momentos desse projeto:

**1º Momento:** Conversa Questionamentos iniciais:

- Vocês sabem o que é emoção?
- Quais emoções vocês conhecem?
- Por que sentimos alegria, raiva, tristeza, amor, entre outras?
- Em que situações do dia a dia vocês sentem alegria, tristeza, medo, insegurança, felicidade?

**2º Momento:** Lata das Emoções (Roda de Conversa) Nesta atividade, cada aluno sorteou um emoji da "Lata das Emoções" e falou sobre

O sentimento que estava vivenciando no momento ou comentou sobre a expressão que sorteou, explicando se já havia se sentido daquela maneira e o motivo. A atividade envolveu questões como:

- É importante ter amigos? Por quê?
- O que é preciso para uma boa convivência com os colegas?
- Vocês sabem o que é bullying ou cyberbullying?

Esta roda de conversa proporcionou um espaço para os alunos se expressarem e refletirem sobre sentimentos, relações e comportamentos. Foram discutidas situações do cotidiano e a postura adequada a ser adotada diante delas. Os alunos expuseram suas opiniões, tanto positivas quanto negativas, sobre diferentes situações. Falamos sobre bullying, cyberbullying, empatia, comportamento, amizades, solidariedade,



ética, honestidade, respeito, cooperação, paz e violência psicológica e física.

Durante essa atividade, houve um momento de forte emoção, quando uma aluna chorou ao refletirmos sobre o impacto negativo de atitudes violentas, especialmente em relação às pessoas que são vítimas de violência. Foi um momento de conscientização sobre a importância de não ferir ou magoar os outros, tanto física quanto emocionalmente, e como isso afeta profundamente quem sofre.

# ***EXPERIÊNCIA DOCENTE DA PRÁTICA ESCOLAR DESENVOLVIDA DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19***

CASTRO, ISOLETE TEIXEIRA DE

## **Resumo**

A escolha deste tema foi motivada por um acontecimento marcante para a população mundial: o período de insegurança causado pela pandemia de COVID-19, onde o sentimento de medo se intensificava a cada nova informação divulgada pela mídia. Este relato tem como finalidade descrever as experiências e adaptações do ensino remoto durante o processo de ensino-aprendizagem na escola onde atuei como professora regente e coordenadora pedagógica. Enfrentamos, além do isolamento social, a necessidade de adotar cuidados essenciais para a preservação da saúde e o uso de tecnologias para atender aos alunos remotamente, com o auxílio das famílias, que também tentavam se adaptar à nova rotina de trabalho e estudo. Um dos grandes desafios no âmbito escolar foi a dificuldade de manter o vínculo afetivo necessário para a alfabetização dos alunos, que antes era promovido nas aulas presenciais. Foi necessário repensar as práticas pedagógicas e buscar alternativas para alcançar os alunos, mesmo à distância.

**Palavras-chave:** Ensino; Aprendizagem; Experiências; Escola; Pandemia.

## **Prezados Leitores,**

Sou Isolete Teixeira de Castro, sou coordenadora pedagógica no turno da manhã e fui professora regente de uma turma de segundo ano do ensino fundamental I no turno da tarde, na Escola EMEF Marechal Humberto Alencar Castelo Branco, da rede pública municipal de Uruguaiana-RS, Brasil.

Iniciamos o ano letivo em fevereiro de 2020, e as notícias sobre o vírus COVID-19 se tornavam cada vez mais preocupantes, com casos confirmados no Brasil. O que inicialmente parecia distante, rapidamente se transformou em uma realidade próxima. Com o aumento do número de casos, o Congresso Nacional aprovou, em 20 de março de 2020, o Decreto Legislativo nº 6, que reconheceu o estado de calamidade pública no país.



Diante dessa nova realidade e das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para evitar o colapso dos sistemas de saúde, medidas restritivas, como o isolamento social, o fechamento de serviços não essenciais e o lockdown, foram adotadas. O vírus se tornou uma ameaça mundial, e o lockdown foi uma das principais medidas para conter a disseminação da doença, afetando profundamente a sociedade, a economia e a educação.

No início da pandemia, a equipe diretiva da escola se reuniu para discutir as medidas a serem adotadas. O celular se tornou uma das principais ferramentas de comunicação, com criação de grupos de WhatsApp para professores, funcionários e toda a comunidade escolar. Além disso, criamos grupos específicos para cada turma, o que se tornou o principal canal de contato entre professores, alunos e seus responsáveis.

Com o tempo, percebemos a necessidade de adequar os documentos escolares, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o regimento da escola, elaborando adendos que foram discutidos com a comunidade escolar e o conselho deliberativo, e encaminhados aos órgãos competentes para aprovação. A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) também preparou orientações pedagógicas para nortear as escolas durante o ensino remoto.

## **Desafios do Ensino Remoto**

O ensino remoto passou a ser uma realidade para a qual os profissionais da educação não estavam totalmente preparados. Foi necessário aprender a utilizar as tecnologias para alcançar os alunos, o que demandou grandes adaptações. A Secretaria de Educação elaborou planos estratégicos para enfrentar a COVID-19 e garantiu a entrega de materiais pedagógicos impressos para os alunos, seguindo todas as normas de segurança para evitar aglomerações.

Entretanto, surgiram outros desafios, como a dificuldade de algumas famílias em acessar a internet e o fato de muitas não possuírem mais de um aparelho eletrônico, o que dificultava a participação de todos os filhos nas aulas online. A manutenção do vínculo entre professores, alunos e famílias também foi uma grande dificuldade, pois nem todos os estudantes conseguiam acompanhar as aulas virtuais.

Os professores, por sua vez, enfrentaram a tarefa de revisar suas práticas pedagógicas, adaptando-se ao uso de tecnologias como o Google Meet para realizar as aulas. Além disso,



muitos utilizaram seus próprios recursos, como notebooks e conexão de internet, para ministrarem aulas de suas casas, durante o lockdown.

### **Apoio das Famílias e o Papel dos Professores**

Durante esse período, muitos pais relataram dificuldades em ajudar seus filhos nas atividades, especialmente aqueles com pouca formação acadêmica. Os desafios incluíam falta de tempo, desinteresse dos filhos ou dificuldades em compreender o conteúdo. Para agravar a situação, as interações entre famílias e professores ultrapassaram o horário de trabalho, com mensagens e ligações ocorrendo a qualquer hora do dia.

Em meio a esses desafios, ficou claro que o papel dos professores não poderia ser substituído pelos pais, que passaram a atuar como mediadores do processo de ensino- aprendizagem em casa. Como destacou Amaral (2020), a participação dos pais é fundamental, especialmente nos anos iniciais, mas é necessário definir claramente seu papel para que eles possam auxiliar seus filhos da melhor forma possível, sem assumir as responsabilidades dos professores.

### **Experiências com Alunos Especiais**

Dentre as minhas responsabilidades como professora, estava o desafio de trabalhar com dois alunos que apresentavam necessidades especiais: uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e um aluno com deficiência auditiva, que havia passado recentemente por um implante coclear. Esses casos exigiam uma abordagem diferenciada, e as aulas remotas não estavam surtindo o efeito desejado para eles.

Decidi então propor às famílias um atendimento individualizado, presencial, em minha residência, com todas as medidas de segurança necessárias. A família da aluna com TEA aceitou prontamente, enquanto a família do aluno com deficiência auditiva demonstrou certa hesitação, mas acabou concordando.

Esses atendimentos foram extremamente enriquecedores. No caso da aluna com TEA, a utilização de vídeos e músicas a estimulava a participar das atividades orais, algo que antes não acontecia. Já o aluno com deficiência auditiva se mostrou curioso e empenhado, especialmente ao trabalhar com instrumentos musicais, desenvolvendo habilidades auditivas e motoras.

### **Conclusão**

As experiências vividas durante a pandemia me ensinaram a importância das relações humanas no processo de aprendizagem. Apesar de todos os desafios impostos pelo isolamento social e pelo ensino remoto, consegui estabelecer vínculos significativos com meus alunos, especialmente com aqueles que necessitavam de uma atenção especial. A pandemia nos mostrou que, mais do que nunca, a colaboração entre escola, professores, alunos e famílias é fundamental para garantir o sucesso do processo educativo.



## Referências Bibliográficas

AMARAL, Henrique Uyeda. *A relação das escolas com as famílias durante a pandemia*. Disponível em: Layers Education. Acesso em: 23 maio 2020. BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 23 maio 2020.



**ESCOLA MUNICIPAL  
MAL. CASTELO BRANCO**

***“Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”.***

Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



# ***AULA DE ASTRONOMIA EM UMQUINTO ANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA***

MARIZA CRISTINA CAMARGO DA ROSA

E-mail: camargomariza@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5886-0060>

**Palavras - chaves:** cultura das ciências, astronomia, ensino de Ciências, anos iniciais

*[...] no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por*

*outros de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende.*

*(FREIRE, 2002, p, 06)*

## 1. INTRODUÇÃO

O tema da astronomia causa curiosidades na humanidade desde sempre, pois a humanidade desde seus primórdios conecta-se à tentativa de explicar o céu, ou seja, o teto da casa da humanidade, onde maravilhas da natureza podem ser apreciadas, admiradas e adoradas e que ao mesmo tempo, provocam inquietações na humanidade. Tanto que os homens para explicarem tais fenômenos criaram histórias míticas e explicações místicas, para tais questões, mas que diante da evolução do conhecimento da humanidade não se sustentaram. Tanto, que o deslumbramento deu lugar a inquietações,

indagações e a busca de explicações racionais para as belezas dos céus.

Sabe-se que há registros históricos sobre estudos de astronomia no povo chinês, babilônios e egípcios (CANIATO, 1994), desde sua história mais longínqua. Vernier, Dutra e Maia (2021, p.1) nos afirmam que o *“encantamento em desvendar e conhecer o Universo, hora em especular sobre sua origem (cosmogonia) e hora por conhecer e desvendar suas estruturas (cosmologia) acompanha o homem”* por toda sua história.

Tais fatos, se percebem quando nos propomos a pesquisar sobre a história das Ciências, e ela nos expõe que a astronomia é uma das primeiras ciências que a humanidade desenvolveu, pois ela, sempre buscou desvendar o universo. Na história da filosofia das Ciências, na Renascença, por exemplo, a astronomia tem notoriedade pelas mãos de Copérnico, Kepler e Galileu (PONCZEK, 2009),



tais cientistas desejavam romper com as convicções teológicas católica e da escolástica que implantou o paradigma do cosmos perfeito.

Tais buscas incessantes pela interpretação do cosmo, fez com que a astronomia evoluísse e se perpetua-se na vida da humanidade, até os dias atuais, trazendo saberes e transformações inimagináveis ao nosso cotidiano, como a rede de computadores interligada, que hoje temos. A potente rede digital que hoje temos, vem de estudos em astronomia e que só se expandem, a todo momento, para melhorar as condições de vida de todos nós.

No Brasil, no século XIX, a astronomia fazia parte do currículo da educação brasileira, registros, desta informação, foram encontrados no Estado de São Paulo (OLIVEIRA, 2017). No entanto, no início do século XX tal estudo saiu de cena, retornando em 1970, quando estudos sobre esta temática começaram a ser

publicados, pela Sociedade Astronômica Brasileira (SAB).

Toda esta retomada vem após a Lei 4.024, com as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira em 21 de dezembro de 1961, onde a educação passa a ser para todos, e os currículos escolares brasileiros passam a dar ênfase a física, a química e a biologia, pois as grandes nações do mundo estavam focadas no desenvolvimento econômico e cidadania das nações. E a Ciências e Tecnologia foram o fio condutor para que tais objetivos fossem alcançados. Neste contexto, as diretrizes internacionais intervieram para que o Brasil também adotasse tais ideais e alterasse suas Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira, adaptando-se ao pensamento mundial.

A mudança concernente está estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 1971, pela Lei nº 5.692, tal Lei prescreveu que o foco da educação seria a partir daquela

data, o ensino profissionalizante (KRASILCHIK, 2000), fazendo assim, com que os currículos escolares passassem a dar outro enfoque à física, a química e à biologia. No entanto, embora a nova LDB, ficasse focada nas novas determinações, o ensinar e estudar astronomia era algo que floria e se multiplicava e assim permanecia em alguns currículos escolares. O que manteve, tal estudo vivo foi a interdisciplinaridade, pois a astronomia se atrela a múltiplos saberes para acontecer e leva o pesquisador a olhares sistêmicos, para assim, compreender os fenômenos os quais estudam.

Düşkün (2011) argumenta que a astronomia é interdisciplinar (tradução nossa), pois necessita de diversos saberes de outras Ciências, para sustentar-se e criar discernimentos na astronomia. Japiassú (1976) em sua grande sabedoria, já explicitava que o interdisciplinar é junção de várias especialidades que se unem para construção de um conhecimento.



E este é o caso da astronomia, que ao focar-se em um fenômeno específico para estudo, necessita de outras áreas do conhecimento para compreender o que percebe e transforma novos saberes em novos conhecimentos científicos.

Este processo de troca de saberes e de construção de singulares conhecimentos, só é possível quando há a interdisciplinaridade, nos assevera Fazenda (2000), pois a interdisciplinaridade possibilita, oportuniza e estimula trocas, que fazem com que floresça questionamentos e assim se consolide aprendizagens (SATOLO; MONARO, 2014). Aprendizagens estas, científicas, que nos anos iniciais corroboram para que se possa realizar o que Chassot (2003) chamou de alfabetização científica, ou seja, educação comprometida com o ensino de Ciências do discente.

Por outrossim, ao se ofertar, às crianças, o estudo da astronomia, nos anos iniciais, se

possibilita a familiarização e a aquisição de uma nova linguagem, como sustenta, Quílez (2016), que nada mais é, que a cultura científica e sua linguagem. Desta forma, podemos salientar que estudar astronomia nos anos iniciais é fomentar e consolidar saberes interdisciplinares e contribuir com a ampliação da cultura das Ciências e sua linguagem.

Logo, de posse desse referencial teórico, se pensou em um momento de sala de aula com alunos(as) de um quinto ano na fronteira oeste do Rio Grande. Focados nesta intenção se planejou três aulas, baseadas no código EF04CI09, do referencial gaúcho de 2022, que tinha como objetivo identificar os pontos cardeais, com base no registro de diferentes posições relativas do Sol e da sombra de uma vara (gnômon).

Dentro deste objetivo, se organizou três aulas para falar do sistema solar, colaboração de um estudante da Graduação Licenciatura em

Ciências da Natureza da Unipampa (Universidade Federal do Pampa do Rio Grande do Sul) que necessitava para uma das suas cadeiras planejar uma aula de ensino de Ciências e sabendo disso o convidei, para planejar e aplicar uma aula sobre astronomia.

Essa parceria emergiu, porque frequentava aulas, em uma das componentes curriculares da Graduação Ensino de Ciências da Universidade Federal do Pampa, convidado pelo Professor doutor Vanderlei Folmer (meu orientador do mestrado, na época) e havia escutado da professora, do quinto ano, do turno da manhã, mas colega minha à tarde (que atendia um terceiro ano, nos anos iniciais), que eles queriam saber mais sobre o sol. Essa curiosidade veio, após ela explicar sobre o próximo tema que iria desenvolver com eles: o sol, pontos cardeais, o movimento do sol, a sombra dos objetos que recebiam a luz do sol e



que mudavam de acordo com a posição do sol.

### **AULA DE ASTRONOMIA NO QUINTO ANO**

Quando Mello (2000, p. 102) nos diz que “ninguém promove a aprendizagem de conteúdos que não domina”, isso vem a compor o que se percebe em salas de aula dos anos iniciais, pois os docentes dos anos iniciais, na maioria das vezes, tiveram uma formação incipiente para desenvolverem princípios e práticas para desenvolverem ensino de Ciências Naturais.

O processo, pelo qual o professor percorreu em sua formação, o faz focar e preocupar-se em desenvolver competências e habilidades para leitura, compreensão, escrita e a aquisição de competências, habilidades, compreensão e entendimento das quatro operações matemáticas. Rigue et al. (2019) escrevem sobre tal realidade, o qual apontam que esta situação não é culpa dos professores, mas que

merece reflexão, problematização e estudo para que venhamos superarmos tal gargalo, na formação dos docentes e por consequência na alfabetização científica das crianças dos anos iniciais.

Alfabetização científica é um processo contínuo, que possibilita uma leitura do mundo pela Ciências e Tecnologia, ao mesmo tempo que contribui com aprendizado e também pode vir a contribuir na construção de uma sociedade justa e equânime. Desta forma, uma aula de astronomia, no quinto ano dos anos iniciais, onde se possa expor e propor atividades práticas dentro do Ensino de Ciências Naturais é uma aula dinâmica e envolvente. Pois o discente é chamado a ser o protagonista, do seu processo ensino-aprendizado, desvelando o céu e alguns de seus fenômenos e o resultado de tal atividade terá como resultado uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Assim, propomo-nos ao Ensino de Ciências Naturais problematizadora, tendo como foco o estudo de astronomia, e que para promover o protagonismo do discente, o professor deve propor protagonismo dos discentes, mediador do processo ensino aprendizagem e não o detentor do saber. Fato este merecedor de destaque, pois isso permite que se estabeleça o protagonismo do educando e onde o educador também é educando.

### **NOSSA AÇÃO PEDAGÓGICA**

Para esta atividade foi usada a metodologia cita por Freire (2006) que objetiva a prática de um ensino reflexivo, que tem como ponto de partida o conhecimento do senso comum e o contexto do sujeito, mas objetiva o conhecimento científico, sistematizado. Freire(2006, p. 115) cita em seu livro Educação para Prática da liberdade os seguintes passos: “a) num método ativo, dialógico, crítico e criticidade; b) na modificação do conteúdo



programático da educação; e c) no uso de técnicas como da redução e da codificação”

Para que isso ocorra se estabeleça uma relação do conteúdo, de sala de aula, com a realidade do educando, possibilitando assim que novos conhecimentos possam emergir a partir da curiosidade estimulada pelas perguntas e não pelas respostas prontas, visto que “a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato de perguntar.” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 48)

No **primeiro momento** pedagógico foi dada uma folha sulfite A3, a folha foi dobrada ao meio 1 vez e depois outra, formando 4 partes. E logo após foi lançado ao grupo a problematização. - O que tu sabes sobre astronomia? Cada um dos participantes registrou no quadro 1 da folha sulfite, o conhecimento que tinha em seu senso comum, sobre astronomia.

Já no segundo **momento** foram aclaradas as questões registradas no primeiro quadro, com aporte teórico, sobre astronomia, e se usou o data show, como recurso, para ilustrar muitas das explicações em vídeos e acesso a sites. No final desta aula os discentes receberam uma folha sulfite, onde desenharam (em casa) um planeta que existe e outro planeta da sua imaginação e ao final da aula registraram no segundo quadro, sobre o que aprenderam naquele dia.

**O terceiro encontro** foi a continuação do segundo momento pedagógico. A primeira atividade do dia, foi entregar os desenhos solicitados na aula passada e falar sobre esta atividade com a turma, logo depois, as crianças modelaram (em massa de modelar) os planetas que eles desenharam e que pertenciam ao sistema solar. Logo depois mais uma vez eles registraram o que haviam aprendido até o momento, no terceiro quadro.

Dando continuidade a aula, foi respondido por conhecimentos teóricos sobre estrelas, astros, planetas e galáxias, que tinham sido questões levantadas, no momento da problematização, E por fim, no terceiro momento pedagógico foi apresentado o livro didático: *Buriti* interdisciplinar, ciências, história e geografia. Editora Moderna, 2017, livro didático do Plano nacional do Livro de 2019-2022, onde os objetos do conhecimento estavam e foram: constelações, movimento de rotação da Terra e periodicidade das fases da Lua. As atividades do livro ficaram a cargo da professora de sala. E como última atividade de nossa intervenção eles registravam do quadro 4 da folha o que aprenderam durante estes 2 dias de atividades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para finalizar podemos afirmar que o processo ensino aprendizagem requer que abandonemos a prática da memorização do conhecimento e se faça a opção, “em



favor da compreensão do processo científico, visando privilegiar a capacidade de atualização e auto aprendizagem do indivíduo" como nos aponta, Folmer (2007, p.2).

Verifica-se também que o processo de desenvolvimento e desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos discentes a partir de conhecimentos prévios, da reflexão, diálogos e

da pesquisa possibilitam a aquisição do aprendizado do discente e contribui para que observem muito além de onde seus pés e realidade possibilitam.

O Ensino de Ciências aplicado nos anos iniciais sempre possibilita que a curiosidade da infância, e seus porquês possam ser explorados e ressignificados, possibilitando assim, a alfabetização científica, apropriação da linguagem das Ciências e a cultura das Ciências.

## REFERÊNCIAS

CANIATO, R. O que é Astronomia. 8ed. São Paulo:Brasiliense, 1994.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.** *Revista Brasileira de Educação*, p. 89-100, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gZX6NW4YCy6fCWFQdWJ3KJh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DE LIMA SILVA, Kellen; DA COSTA FERNANDES, Juliana Cristina. **Metodologias Ativas e o Lúdico: possibilidades de práticas de leitura em salas de aula.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e122973694-e122973694, 2020.

DÜŞKÜN, İ. Güneş-Dünya-Ay Modeli Geliştirilmesi ve Fen Bilgisi Öğretmen Adaylarının Astronomi Eğitimindeki Akademik Başarılarına Etkisi. 2011. Yayınlanmamış Yüksek Lisans Tezi, İnönü Üniversitesi Eğitim Bilimleri Enstitüsü, Malatya.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

FOLMER, Vanderlei. **As concepções dos estudantes acerca da natureza do conhecimento científico: confronto com a experimentação.** 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11789/000612852.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2022.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Editora Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2006.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.



KRASILCHIK, Myriam. **Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências.** *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, p.85-93, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/y6BkX9fCmQFDNnj5mtFgzyF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 ago. 2022.

MELLO, Guiomar Namo de. **Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical.** *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, p. 98-110, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/d6PXJjNMc3qJBMxQBQcVkJNq/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas.** Coleção Mídias Contemporâneas. *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. v. II, 2015.

OLIVEIRA, Elrismar A. Gomes. Trajetória da Astronomia na legislação educacional e nos livros didáticos da instrução primária dos oitocentos brasileiros. 2017. 314f. Tese (doutorado), Universidade de São Paulo, Instituto de Física. São Paulo, 2017.

QUÍLEZ, Juan. **El lenguaje de la ciencia como obstáculo de aprendizaje de los conocimientos científicos e propuestas para superarlo.** 2016. Disponível em:

<http://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/164680/74120.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 ago. 2022.

RIGUE, Fernanda Monteiro; AMESTOY, Micheli Bordoli; CORRÊA, Guilherme Carlos. **O ensino de ciências e a formação de professores: A criança e a alfabetização científica** *Science Teaching and Teacher Training: The Child and Scientific Literacy Enseñanza de las ciencias y formación del profesorado: el niño y la alfabetización científica.* *Soc. Dev.*, v. 8, n. 10, p. e348101390, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Herton/Downloads/1390-Article-5662-1-10-20190824.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Ciências da Natureza.**



Porto Alegre: Departamento Pedagógico, 2018. v. 1. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/gestao-pedagogica>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SATOLO, Edson Gabriel; MONARO, Rejane Lúcia Gonçalves. **Docência no ensino superior: relato sobre a capacitação para os mecanismos de avaliação Enade/Mec**. 2014. Disponível em: <[sem link fornecido]>. Acesso em: 7 ago. 2022.

SOARES, Eliane de Lima; LOPES, Cláudia Silva; SPAT, Mayra; FOLMER, Vanderlei. **A presença do lúdico no ensino dos modelos atômicos e sua contribuição no processo de ensino aprendizagem**. *Góndola, Enseñ Aprend Cienc*, v. 12, n. 2, p. 69-80, 2017. DOI: 10.14483/23464712.10398.

TIMUR, Serkan; et al. **Astronomy education for preschool children: Exploring the Sky**. *International Electronic Journal of Elementary Education*, v. 12, n. 4, p. 383-389, 2020.

VERNIER, Ana Maria Bittencourt; DUTRA, Cleusa Maria; MAIA, Sergio Alves Bonfim. **Scale solar system: A strategy for teaching sciences and mathematics**. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 6, p. e11110615508, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i6.15508. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15508>. Acesso em: 5 agosto de 2022.

# ***Vivências na biblioteca: biblioteca como ferramenta, suporte pedagógico e interações sociais***

EDENICE VIEIRA AYALA\*

**Palavras- chave: Educação através da leitura,  
acolhimento, interações sociais.**

**Caros leitores,**

**É** com incomparável contentamento que apresento a vocês minhas vivências no espaço educativo e no suporte pedagógico da biblioteca, como professora e educadora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, no município de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, onde tenho a oportunidade de desenvolver ações com educandos de faixas etárias entre 6 e 16 anos. É perceptível nesses educandos o desejo de conhecer e explorar novos mundos. É isso que o espaço da biblioteca oferece, com seu acervo e atividades de promoção e incentivo à leitura, juntamente com um trabalho constante de acolhimento e inclusão. A biblioteca proporciona um espaço de leitura, atividades e diálogos sobre as obras lidas, gerando interações nas quais a socialização é evidente. Muitas vezes, os temas das obras são espontaneamente comparados às vivências dos



educandos, conectando-os ao mundo, como afirmam os autores Rangel e Rojo."

Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que ele quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas aos nossos objetivos. (RANGEL & ROJO, 2010. p.87)"

"Tenho a oportunidade de realizar trocas enriquecedoras que agregam muito à minha formação como educadora. Minhas práticas, muitas delas realizadas dentro da biblioteca, envolvem a administração, organização, cuidado e restauração do acervo, além de auxiliar os alunos em suas pesquisas, realizar a entrega e recebimento de livros, selecionar obras adequadas para cada faixa etária, confeccionar materiais pedagógicos para exposições, conforme o cronograma da escola. Também participo de cursos de formação continuada promovidos pela SEMED (Secretaria Municipal de Educação).

No entanto, enfrento alguns desafios, como atender educandos de idades muito diferentes, desde crianças de 6 anos do primeiro ano até adolescentes de 14 a 16 anos do nono ano. Embora o espaço da biblioteca seja pequeno, o fluxo de alunos e professores é constante. Alguns alunos chegam já sabendo o nome do livro ou do autor, enquanto outros ainda não desenvolveram o gosto pela leitura e precisam de sugestões. Nesse momento, faço recomendações levando em conta a idade, o nível de leitura, o emocional e a maturidade de cada um.

Cada perfil é respeitado. Algumas crianças adoram contar as histórias que leram, compartilhando narrativas com os colegas ou comigo, o que gera diálogos enriquecedores. Muitas vezes, outro aluno ouve a conversa, fica curioso e também quer ler o mesmo livro, formando um grupo de leitores interessados em descobrir o que o colega achou tão fascinante.

Além disso, os alunos realizam pesquisas, ensaiam leituras em voz alta para apresentações e formam grupos para discutir e comparar livros com adaptações cinematográficas. Nesse tipo de atividade, as obras literárias geralmente são preferidas, por serem mais detalhadas e explorarem os sentimentos dos personagens de forma mais profunda.

São os alunos dos oitavos e nonos anos que mais solicitam essas discussões. Quem assistiu ao filme, mas não leu o livro, costuma ficar tentado a fazê-lo, e é gratificante ver a reação deles quando terminam a leitura. No mesmo espaço, também realizo a 'hora do conto', ou organizo a biblioteca para que os professores a conduzam com suas turmas. Esse momento é uma poderosa ferramenta de incentivo à leitura e à formação de bons escritores, além de estimular a criatividade.



Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2000, p. 53), 'a leitura é um processo em que o leitor constrói ativamente o significado do texto, com base em seus objetivos, seu conhecimento sobre o assunto, o autor e a língua'. Isso vai muito além de decodificar letra por letra ou palavra por palavra — é um processo de compreensão em que os sentidos começam a ser formados.

Com os alunos do primeiro ano, utilizo livros pop-up e outras obras lúdicas e criativas, que incentivam os pequenos a se tornarem futuros leitores. A maioria prefere histórias de animaizinhos ou contos clássicos, com destaque para temas de princesas, bichinhos como cachorrinhos e gatinhos, sendo os cachorrinhos os favoritos entre as meninas.

Já os meninos, do segundo ao quarto ano, geralmente preferem gibis da Turma da Mônica ou animes, além de livros sobre dinossauros. Essas histórias despertam a curiosidade sobre temas como cronologia, ciências e extinção. Os educandos mais velhos, do quinto ao sétimo ano, têm interesses variados: as meninas preferem romances e histórias baseadas em fatos reais, enquanto os meninos se interessam por suspense, terror e aventura.

biblioteca também oferece livros de ciências,

geografia, história e arte, indicados pelos professores para pesquisa. Contudo, o espaço vai além de ser um simples suporte pedagógico: é acolhedor, inclusivo e empático. Aqui, o aluno é visto em sua totalidade, considerando suas vivências, anseios e curiosidades.

Às vezes, alguns alunos precisam apenas de um abraço e de alguém que os escute sem julgamentos. Ensinar e aprender não ocorrem apenas nos livros, mas nas interações afetuosas e nas conversas. Como bem afirma Cunha (2012, p. 54), as atividades educativas devem ter um caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico.

A biblioteca também acolhe alunos atípicos, com atividades que incluem jogos e brincadeiras para ajudá-los a relaxar. Além disso, realizo leituras e diálogos ao ar livre, em um espaço pedagógico preparado no pátio da escola. Ao compartilhar minhas vivências como educadora na biblioteca, sinto-me realizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. LEI Nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4. Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012

RANGEL, E.O.; ROJO, R.H.R. Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. V. 19.





# EDUCADORAS & AUTORAS

## **ÉVELIN THAÍS COSTA ALVAREZ**



Nascida e criada desde 1987 em Uruguaiana- RS, esposa do Rafael, mãe de quatro (Lavínia, Pablo, Valentin e Fabrício), avó de um (Caetano), gremista, ariana, confeitadeira nas horas vagas

Professora formada no magistério, com faculdade de Licenciatura plena em pedagogia e especialização em Atendimento Educacional Especializado, Gestão Escolar, Docência e tutoria a distância e Ludopedagogia. Atualmente trabalho com anos iniciais, mas também possuo uma longa caminhada na educação infantil. Trabalho oficialmente como professora desde 2007, porém em alguns momentos tive outras profissões. Hoje sinto-me realizada e plena exercendo a profissão que escolhi para a minha vida.

## **JAQUELINE PEREIRA ANCINA**

Sou professora com formação em: magistério(curso normal), graduação em ciências naturais e exatas, matemática, letras, português e literatura, pós graduação em psicopedagogia institucional, curso extensivo em libras. Fui vice -diretora em escola da rede municipal durante 7 anos. Atualmente, sou regente de turma e orientadora pedagógica, onde me realizo ajudando e orientando crianças e adolescentes a partir dos seus projetos de vida. Trabalho com vários projetos pois me realizo com o autoconhecimento adquirido no processo.





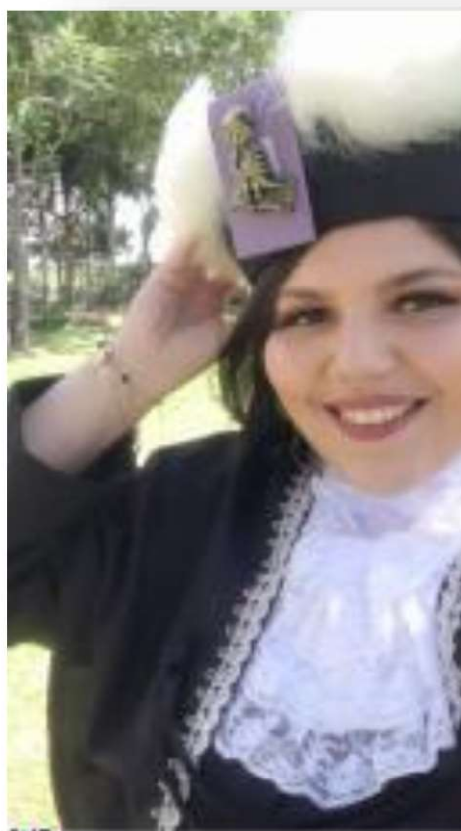
## ELIZIANE OLIVEIRA

Sou a professora Eliziane de Annuniação Oliveira graduada em licenciatura plena pela faculdade PUCRS Campus Uruguaiana com duas pós-graduações: Gestão Escolar e Neuropsicopedagogia Institucional na instituição Polo de Uruguaiana Unifacvest e Faculdade São Luís nasci em 26-06-1985, na cidade de Uruguaiana no estado do RS. Divorciada com duas filhas. Professora com maior orgulho onde escolhi essa profissão desde os 8 anos quando admirava as minhas professoras e brincava de professora ensinando as crianças da mesma rua onde morava a ler e escrever.



## RUBYA TONEL

Sou a professora Rubya ,  
mãe do Francisco,  
Pedagoga, pós graduada  
em Alfabetização e  
letramento, sou professora  
efetiva da Rede Municipal  
de Uruguaiana. Atualmente  
atuo nos anos iniciais e nos  
anos finais do ensino  
fundamental sou bastante  
dedicada a minha  
profissão.

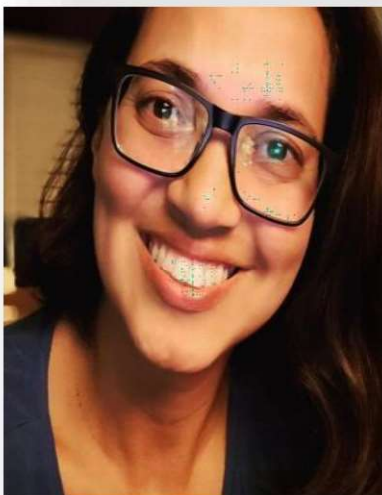


## JULIANI KLEINUBING



Mãe do Ramyro, esposa do Paulo, formada do Curso Magistério no Instituto União, graduada em História pela PUC, tenho uma vida ligada a arte com pintura óleo, aquarela e desenho! Participei do Projeto Bilíngue de Fronteira e fui docente em Paso de Los Libres, Argentina, em séries iniciais na Escuela Heládio Vicente Veron Nº 267, por dois anos. Alfabetizadora por 19 anos, participei dos cursos Pró Letramento, Pacto Nacional Pela Alfabetização na idade certa! Hoje curso Pós Graduação em Educação Especial com enfoque em autismo! Trabalho na EMEF Humberto de Alencar Castelo Branco onde ministro aulas na Oficina de Aprendizagem, sala de reforço, atendendo séries finais!





## LILLIAN DA ROSA VARGAS CLAUSSEN

Sou Lillian da Rosa Vargas Claussen, professora formada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Pedagoga e especialista em Atendimento educacional especializado, assim como, administração escolar.

Enquanto acadêmica participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Em 2023 fui preceptora no curso de pedagogia

nesta mesma universidade.

Descobri com a pedagogia uma grande vocação pela educação.

Atualmente, trabalho com os anos iniciais em uma escola no município

de Uruguaiana e busco resgatar o melhor que há nas crianças com educação.

Pois como Paulo Freire disse “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo”



## **ISOLETE TEIXEIRA DE CASTRO**

Meu nome é Isolete Teixeira de Castro tenho 48 anos de idade. Sou Pedagoga formada na PUCRS Uruguaiana-RS em Séries Iniciais e Pós Graduada em Psicopedagogia Institucional no Centro Universitário de Barão de Mauá. Sou mãe do Cris e do Rafa meus filhos, trabalho com professora e coordenadora na Rede Pública Municipal de Uruguaiana e adoro o meu trabalho falo isso pois já trabalhei em outras áreas e posso afirmar que não tem algo melhor que trabalhar em algo que nos faz sentir que fizemos a escolha profissional certa.

EDENICE VIEIRA AYALA



Professora Pedagoga com especialização em Educação especial com ênfase em TGD, Altas habilidades e Superdotação. Especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Especialização em Gestão Escolar: Supervisão e Orientação. Especialização em Educação Ambiental. MBA em em gestão de Pessoas.



---

## ORGANIZADORA



### **Cristina Peres Barboza Dias**

Prof<sup>a</sup>. Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA, Graduada em Letras - Português habilitação Língua Espanhola. Graduada em Pedagogia. Especialista em História Africana, Afro-brasileira e Indígena. Pós graduada em Gestão Escolar- supervisão e Orientação. Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela (UFPEL). Graduanda em Terapia Ocupacional. Atualmente atuo como Orientadora Educacional na Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Uruguaiana.

## CONVIDADA

**MARIZA CRISTINA  
CAMARGO DA ROSA**



Mariza Cristina Camargo da Rosa - M<sup>a</sup>. Ensino de Ciências: Química da vida e saúde- UNIPAMPA/RS, Licenciada em Filosofia - PUC/RS, atualmente, prof<sup>a</sup> Efetiva da Rede Pública Estadual nos Anos Iniciais e na EJA Médio. Especialista em: Educação de Jovens e Adultos(EJA)- FACINTER, História da Cultura Africana, Afro-brasileira e indígena- UNIPAMPA/RS e Orientação e Supervisão- FAVENI. Atuação: em Escolas particulares de Uruguaiana, lecionando Filosofia e sociologia, assistente de formação da Escola SUL da CUT-RS em Santa Catarina, Coordenadora do Orçamento Participativo e Coordenadoria da Mulher na Prefeitura de Barra do Quaraí e Chefia de RS da 10<sup>a</sup> CRE-RS.

E-mail: [camargomariza@gmail.com](mailto:camargomariza@gmail.com)



**Caro Leitor,  
Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas  
expectativas.**

Envie seu conteúdo para a avaliação:

[editoramayalivros@gmail.com](mailto:editoramayalivros@gmail.com)



ESTE LIVRO É UMA CELEBRAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, É UM CONVITE PARA QUE TODOS OS EDUCADORES SE ENGAJEM NA REFLEXÃO E NA SISTEMATIZAÇÃO DE SUAS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS. QUE ELE SIRVA COMO UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO E UM GUIA PRÁTICO PARA TODOS OS QUE DEDICAM SUAS VIDAS A ENSINAR E APRENDER E AO APRENDER ENSINAR.

